



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

EVA ROSA DO LAGO

“Desde a aurora ao entardecer”: uma análise da dinâmica urbana no município de Vargem Grande – MA (1980-2010).

São Luís - MA
2021

EVA ROSA DO LAGO

“Desde a aurora ao entardecer”: uma análise da dinâmica urbana no município de Vargem Grande – MA (1980-2010).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestra em História.

Orientador: Prof. Dr. Victor de Oliveira Pinto Coelho.

São Luís - MA
2021

Lago, Eva Rosa do

“Desde a aurora ao entardecer”: uma análise da dinâmica urbana no município de Vargem Grande – MA (1980-2010)/ Eva Rosa do Lago. - 2021.

138 f.: il. color.

Orientadora: Victor de Oliveira Pinto Coelho.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021.

1. Dinâmica. 2. Cidade. 3. Campo. 4. Experiências. 5. Rural-urbano.
I. Coelho, Victor de Oliveira Pinto. II. Título

EVA ROSA DO LAGO

“Desde a aurora ao entardecer”: uma análise da dinâmica urbana no município de Vargem Grande – MA (1980-2010).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão como requisito para obtenção do título de Mestra em História.

APROVADO EM: 10/09/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Victor de Oliveira Pinto Coelho (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA/PPGHIS

Prof. Dr. João Batista Bitencourt
Universidade Federal do Maranhão - UFMA/PPGHIS

Profª. Dra. Marcia Milena Galdez Ferreira
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

A meus pais, José Luís e Luisa, meus maiores
exemplos de amor, força e persistência.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos a DEUS, meu porto seguro que me protege das tempestades ao longo do caminho. Ele que colocou pessoas tão especiais ao meu lado, com as quais a caminhada se torna mais leve.

Agradeço à minha família, meus pais, irmãs, irmãos e sobrinhos que estiveram sempre ao meu lado me fortalecendo, incentivando e comemorando junto a mim cada conquista.

Agradeço, sobretudo à meus filhos, Aymê e Barros Filho, meus tesouros na terra, razão maior de minha existência e ao meu companheiro, Edvan Barros, parceiro incondicional de todos os momentos, minhas melhores companhias em dias de lutas e de glórias.

Agradeço a Universidade Federal do Maranhão - UFMA por me acolher em suas dependências e ao Programa de Pós-Graduação em História – PPGHis, de modo a permitirem o desenvolvimento desta pesquisa, tendo acesso ao conhecimento por meio de professores solícitos e parceiros no âmbito das disciplinas.

Ao meu ilustre orientador Prof. Dr. Victor de Oliveira Pinto Coelho, por toda dedicação dispensada à minha pesquisa, pela parceria e presença sempre marcante em todos os momentos da minha caminhada nessa pós-graduação.

Às senhoras: Maria das Dores Paiva Melo, Raimunda Viana Sousa Silva, Maria de Nazaré Araújo, Francisca das Chagas Braz de Carvalho, Maria Brígida Almeida Silva Bezerra, Joana de Sousa Silva, Albanisa Silva Corrêa e aos senhores: José de Ribamar Silva Costa, José Raimundo Brito Barros e Benedito Pereira Rosa, pessoas encantadoras que tive o prazer de conhecer, guerreiros e guerreiras com histórias de vida que me fizeram despertar um misto de sentimentos, tristeza, revolta, indignação, mas também admiração, inspiração e superação, pois em meio às dificuldades que viveram, sobreviveram com dignidade. A eles o meu mais profundo agradecimento.

Às queridas Zélia Maria e Rosângela Carvalho que me permitiram conhecer um pouco de suas histórias de vida a partir de suas subjetividades, Zélia por meio de seu diário e Rosângela através de seu poema, ambas foram especialmente relevantes para a análise pretendida.

Ao grupo de pesquisa POLIMT pelas diversas leituras compartilhadas que foram de extrema importância para a compreensão de outras leituras necessárias à pesquisa.

À Professora Rosirene Lima, sempre prestativa e muito companheira desde que a conheci.

Ao querido Professor Dr. Alexandre Vítor de Lima Fonsêca que, mesmo sem me conhecer, se prontificou em elaborar alguns mapas que foram muito úteis à pesquisa.

Ao ex-secretário de Educação de Vargem Grande Thiago Braz, grande incentivador de pesquisadores no âmbito municipal, e aos atuais secretários da pasta Nonato Costa e Vivia Fortes pela flexibilidade e encorajamento destinado a mim nessa jornada.

Às minhas colegas de curso Amanda, Mariane, Luciana, Tayná, Adriana, Nilziane, Kelly, Poliane pelas longas conversas com desabafos intermináveis acerca de nossos textos, em que sempre terminávamos com “vai dá certo, amiga! ”. E sempre saíamos mais motivadas a continuar o percurso mesmo em meio aos obstáculos encontrados que foram muitos.

Aos colegas da turma de doutorado com quem tive o prazer de conviver durante esse período do curso, aos queridos Manoel Barros, Wagner Cabral e Marcelo Araújo que me auxiliaram, disponibilizando materiais de leituras, em especial a Dayse Martins, que se mostrou grande parceira em todas as atividades, uma mulher incrivelmente letrada que, com sua simplicidade, soube me incentivar nos momentos em que mais precisei.

À Bartolomeu, Vandélia e Roseanne Márcia pela parceria, por conhecer minha realidade e compartilhar das minhas angústias sempre com muita empatia.

À Dona Marlene e Dona Rosa, duas mulheres incríveis que me auxiliaram em diversos momentos, são parceiras nesse processo.

Aos colegas do setor de estatística da Secretaria Municipal de Educação, Cléo, Lucinha e Olenilton por me auxiliarem em vários dias de pesquisa nos documentos escolares.

À equipe da câmara municipal, Jannylenne, Anísia e Marlene que foram extremamente companheiras nas pesquisas realizadas neste espaço.

À Ilma Mesquita, Vera Lúcia e Edvan Barros pela gentileza em compartilhar seus conhecimentos através de suas monografias.

À Wellington Leite, Maurício, Alice Pires e Valdemir Correa por sua atenção ao receber minha solicitação acerca de informações pertinentes à pesquisa.

À Vanuza Cristina e Jeuvane Mesquita, bem como a todos os meus colegas de trabalho do CEFAP por compreenderem a minha ausência e torcerem pela concretização desse meu sonho.

A todos meus mais sinceros AGRADECIMENTOS.

Eva Rosa

Mudança não virá se esperarmos por outra pessoa ou outros tempos. Nós somos aqueles por quem estávamos esperando. Nós somos a mudança que procuramos.

Barack Obama

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar a dinâmica urbana no município de Vargem Grande – MA a partir do crescimento dos bairros no período de 1980 a 2010, tendo como fenômeno central a mobilidade de populações residentes no campo para a cidade. Neste sentido, discute-se as especificidades do espaço da cidade e as características que fizeram desta um polo atrativo para tais populações. Analisa-se ainda as experiências dos sujeitos que vivenciaram este processo buscando caracterizar a vida destes a partir de seus relatos, bem como do imaginário individual e coletivo que projetam no espaço da cidade enquanto solução para todas as dificuldades encontradas no seu antigo local de origem, explorando a elaboração das redes de relações sociais por meio das experiências compartilhadas por familiares, amigos e vizinhos acerca das vantagens encontradas no âmbito da cidade. Dentre os fatores que implicaram na mobilidade destas populações, bem como no consequente processo de expansão da cidade apontados pelos entrevistados foram: o constante conflito com os proprietários de terras no campo, incidindo na expulsão dos moradores e a percepção da cidade enquanto *locus* de acesso a bens e serviços, tais como trabalho, saúde, educação. Estes aspectos da vida estudados de Vargem Grande, Maranhão, têm como fontes principais os relatos orais de sujeitos residentes na cidade advindos do campo neste dado período, bem como dados do IBGE para o município, apontamentos em um poema e um diário encontrados no âmbito da pesquisa. O estudo reivindica a perspectiva de uma história vista de baixo, em que situa os sujeitos comuns na história do município a partir de uma abordagem metodológica da história demográfica, conectando-se principalmente à História Oral que é tomada como diretiva durante todo o trabalho. Adota igualmente procedimentos da micro-História e da história comparada de modo a realizar uma análise em que as questões apontadas pela pesquisa, nessa pequena cidade do Maranhão, possam se apresentar como discussão pertinente para quaisquer outros espaços à medida que, por meio desta, podemos perceber nuances de tantas outros espaços e outras temporalidades. Para a presente pesquisa, autores como Pesavento, Harvey, Lefebvre e Ferreira foram essenciais para a discussão proposta.

Palavras-chave: Dinâmica. Cidade. Campo. Experiências. Rural-urbano.

ABSTRACT

This research seeks to analyze the urban dynamics in the city of Vargem Grande - MA from the growth of neighborhoods in the period from 1980 to 2010, having as a central phenomenon the mobility of populations residing in the countryside to the city. In this sense, it discusses the specificities of the city's space and the characteristics that made it an attractive pole for such populations. It also analyzes the experiences of the subjects who experienced this process, seeking to characterize their lives based on their reports, as well as the individual and collective imagination that projects the city space as a solution to all the difficulties encountered in their former place of origin, exploring the elaboration of social relationship networks through the experiences shared by family, friends and neighbors about the advantages found within the city. Among the factors that implied the mobility of these populations, as well as the consequent process of expansion of the city, pointed out by the interviewees were: the constant conflict with landowners in the countryside, focusing on the expulsion of residents and the perception of the city as a locus of access to goods and services, such as work, health, education. These aspects of life in Vargem Grande in Maranhão are studied having as main sources the oral reports of subjects residing in the city coming from the countryside during this period, as well as IBGE data for the municipality, notes in a poem and a diary found within the scope of research. The study claims the perspective of a history seen from below, in which it situates common subjects in the city's history from a methodological approach to demographic history, connecting mainly to Oral History, which is taken as directive throughout the work. It also adopts micro-History and comparative history procedures in order to carry out an analysis in which the issues raised by the research in this small town in Maranhão can be presented as a relevant discussion for any other spaces as, through this, we can perceive nuances of so many other spaces and other temporalities. For this research, authors such as Pesavento, Harvey, Lefebvre and Ferreira were essential for the proposed discussion.

Keywords: Dynamics. City. Field. Experiences. Rural-urban.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Vargem Grande - MA.....	16
Figura 2 - Portal da cidade.....	26
Figura 3 - Mapa da zona urbana de Vargem Grande – bairros	48
Figura 4 - Rabisco do poema da Professora Rosângela	116
Figura 5 - Rabisco do poema da Professora Rosângela (continuação)	116
Figura 6 - Diário de Zélia, dia 07.02.2002	123
Figura 7 - Diário de Zélia, dia 08.02.2002	123
Figura 8 - Diário de Zélia, dia 09.09.2002	124
Figura 9 - Diário de Zélia, dia 10.09.2002	124
Figura 10 - Diário de Zélia, dia 16.12.2002	124
Figura 11 - Diário de Zélia, dia 17.12.2002	125

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Prefeitos eleitos no município de Vargem Grande no período de 1948 a 2008 ...	39
Tabela 2 - População residente por sexo e religião.....	41
Tabela 3 - População residente por situação do domicílio	45
Tabela 4 - População residente e situação do domicílio – comparativos	46
Tabela 5 - IDHM de municípios do Maranhão numa escala comparativa	76
Tabela 6 - Quantidade produzida na extração vegetal por tipo de produto extrativo	82
Tabela 7 - IDH renda, longevidade e educação - Brasil e Maranhão	84
Tabela 8 - Indicadores de esperança de vida ao nascer e mortalidade infantil	106
Tabela 9 - Taxa de analfabetismo por Situação e Ano	109
Tabela 10 - Evolução histórica da educação brasileira.....	109
Tabela 11 - Quantitativo de escolas por nível/etapa de ensino, dependência administrativa e localização: ((U) urbano e (R) rural).....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFAP	Centro de Formação e Avaliação Pedagógica
CLIMEVAG	Clínica Médica de Vargem Grande Ltda.
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FJP	Fundação João Pinheiro
GDS	Gerência de Desenvolvimento Social
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MA	Maranhão
OMS	Organização Mundial de Saúde
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSB	Partido Socialista Brasileiro
POLIMT	Poderes e Instituições, Mundos do Trabalho e Ideias Políticas
SEDES	Secretaria de Desenvolvimento Social
SEMED-VG	Secretaria Municipal de Educação de Vargem Grande
SOLECIT	Secretaria de Estado de Solidariedade, Cidadania e Trabalho
SUS	Sistema Único de Saúde
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	DINÂMICAS DE VIDA E SOCIEDADE: Vargem Grande entre o rural e o urbano	26
2.1	Cidade: definições e especificidade local	27
2.1.1	Dimensões do rural e do urbano em Vargem Grande - MA	32
2.2	O município de Vargem Grande - MA: historicidade do universo pesquisado	36
2.2.1	Dinâmica social: economia, política e cultura religiosa.....	37
2.2.2	O dinamismo populacional e expressões do cotidiano local.....	44
2.3	Vargem Grande vista de baixo: dimensões da cidade como espaço de sociabilidade	55
2.3.1	“O bairro foi crescendo”: memórias de protagonismos femininos	55
2.3.2	Arranjos comunitários: a igreja e as associações	60
3	VARGEM GRANDE E AS ESCALAS DE EXPERIÊNCIAS	66
3.1	A cidade e as experiências de vida	67
3.1.1	“A vida não é fácil, minha filha”	67
3.1.2	Vargem Grande-MA: polo atrativo para populações camponesas?.....	73
3.1.3	Relação entre IDH e a atratividade local por populações circunvizinhas	76
3.2	Migração: “face visível de eventos invisíveis”	78
3.2.1	Vargem Grande no contexto maranhense: a historiografia em foco.....	80
3.2.2	O fenômeno migratório: atratividade da cidade x precariedade no campo.....	85
3.3	Jogo de escalas espaciais e temporais	87
3.3.1	Mobilidades de populações camponesas a partir de conflitos agrários	88
3.3.2	O espaço da cidade: a vivência (re) inventada	93
4	VISÕES DA CIDADE E REDES SOCIAIS: Experiências Compartilhadas	97
4.1	A expansão da cidade: outros fatores em cena	97
4.1.1	O trabalho: ressignificação no espaço da cidade.....	100
4.1.2	A saúde: em busca de novas possibilidades.....	104
4.1.3	A educação: condicionante da vida futura	108

4.2	Redes em movimento: contatos necessários, migrações estimuladas	119
4.2.1	Vivências singulares: as experiências entre “cá e lá”	122
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
	REFERÊNCIAS	129

1 INTRODUÇÃO

O Brasil, nas últimas décadas, vem passando por um processo de crescimento das cidades em detrimento aos espaços rurais, o que é perceptível ao analisarmos os fluxos populacionais em fins do século XX e início do século XXI. Este estudo compreende uma pesquisa sobre esse processo dinâmico centrado no município de Vargem Grande – MA, considerando os aspectos de uma migração dos sujeitos do espaço rural para o espaço urbano. O mesmo aponta para um estreitamento das relações entre os dois espaços, de forma que, muito do urbano encontra-se no rural e muito do rural no urbano. As diferenças entre esses espaços vão ganhando novos elementos que caracterizam essa relação de reciprocidade local.

A escolha pelo título foi inspirada numa parte do estribilho do Hino de Vargem Grande – MA e faz referência à vivência cotidiana da população do município que, em meio às dificuldades encontradas nos seus modos de vida e em suas múltiplas organizações sociais, constantemente influenciada por novas dinâmicas que permeiam a configuração socioeconômica e cultural do município, estão sempre em busca de melhores condições de vida, ainda que para tal, tenham que deixar seus espaços de origem.

A letra e a música do Hino de Vargem Grande apresentada abaixo têm como autores, respectivamente, Antônio Lisboa Melo (poeta, escritor e advogado, filho de Vargem Grande) e Raimundo Clímaco Barroso (poeta vargem-grandense bastante conhecido, incentivador da leitura, autor de alguns livros e premiado ao nível nacional por suas poesias):

I

Entre campos, morros e prados
Rios e matas e o céu de esperança
Surgiu Vargem Grande e os amados
Filhos seus de eterna lembrança.

Estribilho

Salve o teu grito de glória
Desde a aurora ao entardecer
Teu povo já herói na história
Para sempre feliz há de ser.

II

Vargem Grande terra querida
Tens de teus filhos lealdade e amor
E te defenderam na vida
Com bravura, fé e fervor.

III

Vargem Grande amada e bendita
Orgulho sem par de teus filhos mais sábios
Porque fostes força infinita
Nas ciências, nas artes e nos brios.

IV

Entoando o teu canto de glória
És forte e brava, és eterna amada
Os louros que tens na História
Te consagram terra adorada.

Vargem Grande é um município situado na mesorregião norte maranhense, na microrregião do Itapecuru Mirim, possuindo uma área total de 1.957,7 km², com uma densidade demográfica de 25,24 hab./km². O mesmo limita-se ao Norte com os municípios de Nina Rodrigues, Presidente Vargas e São Benedito do Rio Preto; ao Sul com os municípios de Timbiras e Coroatá; ao Leste com Chapadinha; ao Oeste com Cantanhede e Pirapemas, encontrando-se às margens da BR-222. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o município em 2010 contabilizava uma população de 49.412 habitantes. O mapa a seguir mostra a localização do município no estado.

Figura 1 - Mapa de localização do município de Vargem Grande - MA



Fonte: Mapa elaborado pelo Prof. Dr. Alexandre Vitor de Lima Fonsêca a pedido da autora (2021).

Desenvolver esta pesquisa é uma satisfação pessoal, visto que responde a muitos questionamentos acerca do crescimento da cidade, pois a partir do bairro em que eu residia

(Alto Alegre), notava-se essa constante movimentação de novos moradores nas imediações, e na medida em que se passavam os anos visualizava-se esse fenômeno em outros bairros da cidade, dessa forma a curiosidade acerca daquela realidade aumentava.

De curiosidade pessoal à relevância científica, essa temática é fascinante, pois a despeito de uma especificidade local, a mesma é comum a muitos outros espaços nos diferentes estados brasileiros, bem como nos diferentes países do mundo (LIMA, 2008, ASSIS, 2007). Assim, compreender essa dinâmica faz-se pertinente na medida em que pode responder a questões outras a partir de uma narrativa histórica local realizada de forma pioneira neste município.

O recorte temporal, 1980 a 2010, utilizado para a pesquisa foi delimitado à luz das observações empíricas de aspectos acerca do crescimento populacional na cidade de Vargem Grande- MA, a partir de dados do IBGE (1982, 1991, 2000, 2017b). O município demonstra quantitativamente uma demanda populacional se formando na cidade e o consequente esvaziamento do campo, pois, nos anos de 1980 a população da cidade apresentava um número de 8 mil habitantes já em 2010 esse número alcança quase 27 mil habitantes.

Neste sentido, é notável um fluxo de pessoas se estabelecendo na sede do município e conseqüentemente o surgimento de novos bairros nas periferias da cidade e ainda, a partir dos diálogos com diversos moradores que vivenciaram essa dinâmica, pode-se perceber inicialmente o movimento dos sujeitos da zona rural para a zona urbana no mesmo período, enfatizando os aspectos levantados inicialmente pela pesquisa.

A delimitação do recorte inicial, a década de 1980 fora escolhida por se caracterizar enquanto marco para as primeiras concentrações de pessoas se estabelecendo nas periferias da cidade e conseqüentemente de muitas outras deixando o espaço do campo.

O período final do recorte proposto para a pesquisa, a década de 2010, define-se a partir da percepção de minimização dos movimentos populacionais de sentido campo-cidade, logo após a criação do Programa Bolsa Família, no início do século XXI. Este programa gerou uma renda mínima a um número maior de famílias, e neste sentido, muitos sujeitos que outrora deixariam seu espaço em busca de melhores condições de vida, passaram a se contentar com aquele mínimo que veio para auxiliar na sobrevivência.

Assim, este valor, mesmo que mínimo, contribuiu de forma significativa para ‘estabilizar’ muitas famílias, moradores do espaço rural do município, pois a partir desse repasse do governo federal, podiam adquirir, ainda que muito lentamente, produtos de consumo como: geladeiras, televisores, aparelho de som, etc, que até então eram pensados como tipicamente do espaço urbano.

A partir desse período se tem melhorias nas condições de acesso à cidade por meio de transportes mais rápidos (moto, carro), diminuindo as distâncias entre estes espaços, facilitando, desta forma, o acesso aos demais serviços públicos que se apresentam como alguns dos fatores responsáveis pela constante migração do campo para a cidade, vale destacar ainda, que esse período final da pesquisa não encerra de um todo essa movimentação por entre os espaços, mas que, a priori é o período que minimiza estes fluxos.

Neste sentido, a análise sobre o dinamismo da cidade de Vargem Grande – MA a partir de 1980, sugere alguns questionamentos, dentre eles a problemática central que é: como se deu a dinâmica urbana e quais as implicações desta na vida da população do município entre os anos de 1980 e 2010? A partir da qual, cabe ainda outros questionamentos: Quais os fatores que implicaram no aumento significativo de moradores nas periferias da cidade no período mencionado? Como se deu o processo de adaptação destes novos moradores ao espaço da cidade? Como foram se moldando redes de relações sociais? Como a cidade se molda e se reinventa a partir da formação dos novos bairros? Quais os impactos socioeconômicos observados devido ao aumento significativo da população na cidade? Como o imaginário da cidade contribuiu para a migração de populações rurais?

A análise destas questões por meio de um processo de investigação, com o propósito de respondê-las, nos faz compreender que este estudo pode trazer à tona nuances do dinamismo demográfico local, mas, articulado a um processo mais ampliado e complexo do perfil estruturante da historicidade do Maranhão, no que se refere às suas sociabilidades verificadas no âmbito das relações sociais, bem como, do que delas decorrem, tais como, a cultura política que tem orientado as políticas públicas por parte de gestores estaduais e municipais relativas às concepções e prática de desenvolvimento econômico da região verificadas nestas últimas décadas.

Assim, busca-se compreender o processo dinâmico da cidade de Vargem Grande no Maranhão ocorrido de 1980-2010, tendo em vista o crescimento populacional da área urbana e a construção de novas moradias nos bairros dos arredores da cidade, que a reconfigura nos seus aspectos sociais, culturais e econômicos.

Diante dos objetivos propostos pela pesquisa, cabe salientar algumas hipóteses, as quais podem inicialmente conduzir a reflexões pertinentes à temática. Neste sentido, pode-se conceber que a dinâmica urbana do município no período em estudo foi influenciada pela migração de trabalhadores rurais, sozinhos ou com toda a família, pela sua precarização material de vida e a insegurança devido a fatores externos como a falta de condições básicas de saúde, de moradia, de acesso ao sistema formal de educação pelos seus filhos, mas, também,

pela pressão exercida por grandes proprietários rurais que ocasionou na expulsão para a cidade de grandes contingentes populacionais, promovendo o aumento significativo da cidade, estimulando assim, a reconfiguração desta em seus diversos aspectos.

Pode-se ainda compreender que a dinâmica urbana se deu a partir da representação da cidade como o melhor lugar de viver porque nela tem serviços que atendem as demandas humanas, exercendo uma pressão psicológica nos moradores da área rural do município. Diante das hipóteses levantadas, a pesquisa desperta a discussão destas questões com o intuito de legitimá-las ou refutá-las no decorrer da narrativa.

A compreensão desse processo faz-se necessário a partir do estudo que ora se apresenta, pois o mesmo viabiliza um conhecimento de aspectos relevantes deste cenário apresentado nesse município, ainda que este carregue uma especificidade local. O mesmo pode servir de referência para estudos posteriores, uma vez que vivemos em um mundo conectado e as relações sociais de determinadas localidades acompanham um fluxo de transformações que estão ocorrendo em uma escala mais ampliada, nesta perspectiva, cabe salientar a afirmação de Bensa (1998, p.45): “O detalhe vale pelas fatias de realidade que revela, pelo peso das circunstâncias e das motivações que suporta, pela compreensão dos contextos aos quais introduz”.

Assim, as inquietações aqui desveladas fazem parte de uma discussão que não se pretende ser conclusiva, pois não daríamos conta de toda a complexidade que envolve a temática, mas antes pretendemos incitar um debate que pode ser retomado em trabalhos vindouros. Entretanto, iniciar uma discussão em nível local, extrapolando em muitos momentos essa “fatia de realidade revelada” sugere uma aproximação de novos olhares sobre esse território que há muito carece de investigação para pensar essas espacialidades que se moldam ao sabor das dinâmicas populacionais e constituem uma alternativa à pesquisa histórica.

A construção de uma narrativa que contemple a dinamicidade do município a partir das memórias dos sujeitos envolvidos na pesquisa, requer envolvê-los em uma atmosfera de problematização dos fenômenos sociais apontados e compreender a relação destes com as transformações advindas desse processo. Dar voz a estes sujeitos implica voltar-se para novas formas de conceber a historiografia local, elegendo outros protagonistas e vislumbrando novas representações de manipulação dos espaços habitados.

A discussão sobre essa parte da história de Vargem Grande ultrapassa a perspectiva tradicional, superando marcos consolidados que se centravam nos grandes nomes e seus feitos. Reivindica antes uma perspectiva daquela que se convencionou chamar de história vista de baixo (SHARPE, 2011) em que a ênfase se dá nos sujeitos comuns, a priori agentes

desconsiderados na historiografia, mas que são detentores de uma riqueza de conhecimentos para outras versões da história, tornando-se atrativos aos novos tempos e às novas demandas científicas.

O desenvolvimento desta se dará a partir da demografia histórica pensada no modelo discutido por Barros (2011) que aponta os aspectos que estão diretamente ligados a questões populacionais como variáveis quantitativas e qualitativas, crescimentos, movimentos migratórios e outros, situando-se no bojo desta pesquisa que busca uma análise por meio dessas dimensões e de suas conexões com a realidade social e as sociabilidades no âmbito da cidade.

Pretende-se tratar a pesquisa transpondo modelos descritivos e informativos, avançando numa contínua problematização, perpassando por caminhos que estabeleçam conexões destes dados com a dinâmica social, como sugere Barros (2011). A relevância desse modelo historiográfico está em desenvolver discussões que possibilitem uma leitura da sociedade tendo também como fonte dados numéricos, mas evitando, no entanto, uma sacralização dos mesmos, permitindo-se a inserção de outras contribuições metodológicas que ultrapassem o diálogo numérico e permitam a amplitude do debate para níveis mais elaborados de historicização das práticas sociais.

As interconexões da metodologia da história demográfica atual são dadas a partir das escolhas realizadas para a construção narrativa que se propõe, assim, o entrelaçamento entre história vista de baixo com os aspectos teórico-metodológicos da história demográfica, da micro história e a história comparada¹ contemplam uma discussão que dão conta de pôr em pauta a complexidade da realidade vargem-grandense, destacando-se a partir dessas referências historiográficas uma análise das dimensões que envolvem o contexto de estudo.

As fontes contemplam a pesquisa documental a partir da análise de fontes escritas – documentos pessoais (um poema e um diário), pois nestes, encontram-se aspectos da experiência de vida dos moradores da cidade de Vargem Grande, bem como de sujeitos que moravam nas áreas rurais e que possivelmente migraram para a cidade. Assim, esta documentação torna-se indispensável à pesquisa.

A coleta de dados do IBGE, constitui-se igualmente fonte relevante do trabalho, uma vez que visa analisar informações que venham a instrumentalizar a pesquisa possibilitando um

¹ Na pesquisa, a história comparada é aplicada para analisar o tema discutido tomando outras realidades históricas que apresentam pontos similares, atentando às semelhanças, mas também às diferenças encontradas nessas realidades, exercício apontado por Barros (2007) para o qual a comparação nos leva ao conhecimento de realidades a partir de bases preexistentes, identificando pontos em comum e pontos diferenciados em tais realidades.

estudo aprofundado acerca da construção de novas residências nos entornos da cidade. Os mesmos apresentam dados sobre a população local que viabilizam uma leitura rica em informações a respeito dessa dinâmica, não somente dados quantitativos são extraídos deste tipo de fonte, mas a mesma proporciona leituras mais qualitativas acerca do processo que se pretende investigação.

A pesquisa viabiliza-se ainda e essencialmente por meio do uso de fontes orais, sendo que a partir da metodologia de História Oral se produz um acervo histórico considerável em nível local. Diante disso, a partir da coleta de relatos orais, dos diálogos com sujeitos que residem em bairros no entorno da cidade, bem como de moradores da área rural que acompanharam a saída de muitos sujeitos desse espaço, é possível uma construção textual relevante.

O trabalho com história oral compreende uma possibilidade de adentrarmos ao universo dos sujeitos invisibilizados pela historiografia tradicional, os quais passam, a partir de então, a recriar suas vidas “esquecidas” e a reconhecer-se enquanto historicamente significantes em suas vivências singulares e em sociedade (THOMSON; FRISCH; HAMILTON, 2006). Para tanto, o processo de acionamento da memória é fundamental nessa dinâmica, pois esta, ainda que se postule algumas fragilidades é ela que nos dá acesso à acontecimentos pretéritos que de outra forma não podem ser acessados.

Neste processo, a memória é acionada e segundo Ricoeur (2007) se constitui enquanto uma defesa contra o esquecimento por meio de atividades mnemônicas, para além de uma procura por uma imagem que represente o passado ou ainda um recipiente em que se encontra as lembranças, tal qual foram deixadas, a memória é o local onde se pode guardar os acontecimentos de si, sendo possível uma ulterior representação de realidades por meio de seu acesso constante.

O caráter essencial da memória enquanto ferramenta subjetiva no trato com pesquisas em História oral possibilita a inserção de outras formas de conceber a historiografia, tendo esta legitimidade a partir das experiências dos sujeitos que ressignificam e representam suas vivências através da memória.

De posse da rememoração dos sujeitos oportunizada pela história oral podemos conceber a construção de uma narrativa capaz de difundir conhecimentos que outrora foram negligenciados, sendo essa construção, para Ricoeur (2007), um componente da operação historiográfica que perpassa pela coerência narrativa em que é necessária uma síntese do heterogêneo que se destaca tanto acontecimentos múltiplos, quanto causas, intenções e acasos numa mesma unidade de sentido.

O ato narrativo, neste contexto de pesquisa, implica uma integração entre fenômenos situados em esferas diferentes de escalas, em que a micro-história vem favorecer o nível de interações entre os indivíduos manifestadas nas negociações, conflitos e incertezas desse universo empírico.

Para Revel (1998) a análise, a partir da micro-história, permite um enriquecimento da abordagem social, tornando suas variações múltiplas, mais fluidas e complexas, quando expandimos esse horizonte, compreendemos que cada sujeito é um ator histórico se inscrevendo em contextos diversos, participando de processos que estão coexistindo paralelamente a outros contextos. Esta oferece-nos não uma versão parcial ou parcelada de realidades macros, mas sim, uma versão diferente da realidade local que está inserida em um contexto mais amplo de experiências.

Deste modo, pretendendo-se uma apropriação maior de conhecimento acerca da especificidade local, a partir dos relatos, foram realizadas 10 entrevistas com homens e mulheres na faixa etária de 59 a 80 anos, moradores dos bairros (Alto Alegre, Santo Antônio, Bairro de Fátima, Cerâmica, Alagadiço, Baixa Grande, São Miguel, Rosalina, povoado Barreirinha), pois todos à sua maneira vivenciaram e presenciaram todo esse processo.

A escolha por um maior número de mulheres para as entrevistas (sete) deve-se ao fato de estas despertarem maior curiosidade quanto às suas lembranças, pois mostraram-se excepcionalmente ativas no âmbito das relações desenvolvidas neste processo dinâmico da cidade durante o período estudado, curiosamente um período em que as mulheres não tinham muito espaço de participação na sociedade. Entretanto, a participação masculina também se faz pertinente, pois aponta um equilíbrio entre as “visões” destes dados momentos históricos no município.

Inicialmente foi feito um levantamento exploratório acerca do universo pesquisado, colhendo informações sobre quem poderia se encaixar no perfil que se buscava para colher o máximo de conteúdo para o estudo, sujeitos que vivenciaram e estiveram de certa forma envolvidos na dinâmica municipal dos anos de 1980 aos anos 2010, de modo que, como sugere Thompson (1998), a busca pela proximidade com a realidade dos entrevistados é determinante para que se estabeleça uma relação de respeito e reciprocidade.

As entrevistas foram realizadas no período de agosto de 2019 (entrevista que se constituiu enquanto piloto para o prosseguimento do trabalho), setembro e outubro de 2020, janeiro e fevereiro de 2021. As entrevistas seguiram uma estrutura pré-estabelecida que, a partir de alguns direcionamentos fluíram e, no decorrer dos relatos das histórias de vida dos sujeitos

foram observados todos os aspectos, aquilo que o entrevistado dá destaque em sua fala e especialmente, o que de repente, deixa de lado (THOMPSON, 1998).

Os bairros e a localidade para o levantamento dos relatos orais foram selecionados a partir da compreensão de que esses espaços foram afetados pelo processo de expansão e de migração dos sujeitos. Todos os dados coletados a partir do estudo foram posteriormente analisados à luz do referencial teórico que guiou a pesquisa.

A análise de expansão de espaços urbanos a partir da dinâmica que envolve as cidades e sua relação muito próxima com os espaços rurais faz parte de uma literatura relativamente ampla, demarcando diversas realidades estudadas. No Maranhão, essas questões são levantadas, dentre outros, nos trabalhos de Rosirene Lima (2008) no livro “O rural no urbano: uma análise do processo de produção do espaço urbano de Imperatriz – MA.” e de Márcia Milena Galdez Ferreira (2015) que discute questões semelhantes em sua tese “Construção do Eldorado Maranhense: experiência e narrativa de migrantes nordestinos em municípios do Médio Mearim nas décadas de (1930-1970)”.

Estudos sobre cidades são apresentados pelos mais diversos autores, a concepção de Harvey (1973 *apud* Vasconcelos, 2015), Lefebvre (1968), Rolnik (1995) e Pesavento (2008b) que abordam a cidade numa perspectiva dinâmica e com especificidades próprias, foram essenciais para a análise desse espaço tão plural que se apresenta aos sujeitos num constante fluxo de ideias, pessoas, comportamentos e sentimentos que caracterizam cada sociedade.

No município de Vargem Grande alguns trabalhos monográficos foram realizados a partir de fins da década de 1990 e auxiliaram em muito na leitura desse espaço que se constitui ainda pouco explorado, neste caso, os textos de Vera Lucia Mesquita Silva realizado em 1999 intitulado “Perfil socioeconômico do município de Vargem Grande-MA”, de Ilma Martins de Mesquita em 1997 - “O festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus em Vargem Grande-Ma” e de Edvan Barros em 2000 - “A importância do babaçu no contexto socioeconômico no município de Vargem Grande –MA” que compõem uma historiografia local em andamento.

A despeito disso, a busca pelas fontes para a pesquisa foram um grande entrave, pois em cidades pequenas, encontrar fontes em seus arquivos próprios é uma tarefa árdua, sendo esses espaços carentes de documentos que possam incitar minimamente uma historicidade local. Diante disso, a escolha pelos relatos orais atende duplamente a pesquisa, pois ao passo em que supre as carências de documentos escritos, esta possibilita uma aproximação ativa com os sujeitos da pesquisa, fato que enriquece ainda mais o trabalho, possibilitando um contato com experiências subjetivas que a história oral nos fornece.

Diante disso, a narrativa se apresenta dividida em 5 capítulos, com especificidades referentes ao tema sugerido sendo articulada à discussão macro. No capítulo inicial, temos a parte introdutória, na qual é situado o objeto desta pesquisa.

No segundo capítulo abordamos sua historicidade com destaque às suas características gerais, apontando aspectos políticos, sociais, religiosos e econômicos do município de Vargem Grande, propondo ainda uma discussão acerca das dimensões do conceito de cidade, rural e urbano a partir de autores consagrados desta literatura, o que nos permite uma reflexão acerca destes na especificidade local.

Analisamos a organização e o dinamismo dos bairros a partir da forte presença feminina à frente de associações que se constituíam enquanto processo de lutas populares, bem como as atividades religiosas que marcaram presença nestes espaços e a percepção acerca de todo esse contexto por meio dos relatos orais.

No terceiro capítulo discute-se as escalas de experiências de vida no âmbito do município em que pese as especificidades desse processo que envolve os sujeitos do campo e da cidade numa dinâmica de atratividade e mobilidade de populações entre os espaços, destacando-se algumas motivações desses movimentos, dentre estes, enfatiza-se o notório conflito entre as populações camponesas² e os proprietários de terras, causando assim, a sua “expulsão” destes espaços, ainda que apresentados pelos entrevistados enquanto uma forma leve de conflito, se percebe que estes fenômenos foram mais marcantes do que aponta as narrativas.

Aponta ainda que Vargem Grande insere-se num contexto de discussão macro, em que se observa os aspectos semelhantes e estruturantes da sociedade maranhense em relação às populações rurais, em que essas migrações de sentido campo-cidade marcam historicamente todo o país a partir das últimas décadas do século XX, demonstrando as várias questões implícitas neste processo.

No quarto capítulo, outros fatores que condicionaram estes movimentos em Vargem Grande se destacam na fala dos entrevistados, quando em seus relatos apontam que a (re) significação da vida na cidade perpassa por condições de existência que são cruciais para esta estadia, a saber, as condições de trabalho.

² O termo camponato utilizado neste trabalho parte da compreensão de Wanderley (2014) que destaca neste artigo considerações sobre a história de resistência do camponato no Brasil, apresentando-o enquanto uma forma de viver e trabalhar no campo, sendo não somente uma forma de produzir, mas para além disso, uma forma de vida e uma cultura, supondo uma relação de cooperação na organização do trabalho, fundamentando-se no caráter familiar da atividade produtiva no campo.

E que, uma vez na cidade, os sujeitos precisam (re) criar formas de sobrevivência, pois, não encontrando ocupações laborais que encaixam em seus perfis, desenvolvem atividades estritamente rurais, numa constante ida e vinda ao “interior³”, de modo a adaptar-se a uma vida de trabalho diferente, mas igual em sua essência.

Outros aspectos discutidos neste capítulo são a busca por melhores condições de saúde e educação como fatores de um melhor desenvolvimento social, pois estas no campo, são ofertadas de modo não satisfatório, quando são ofertados, incidindo no despertar de um imaginário da cidade enquanto palco de acesso a estes serviços que viriam a suprir suas necessidades básicas. Essa visão da cidade por meio das narrativas de experiências aponta para essa construção imagética, e incide na efetivação de redes familiares tecidas ao sabor de uma contínua comunicação entre os membros da família que migram e os que ficam na zona rural, percebendo diante da realidade social estabelecida na cidade novas formas de organização que caracterizam as experiências dos sujeitos entre os dois espaços se pautando num constante fluxo de ir e vir.

Nas considerações finais, último capítulo, se apresentam as conclusões parciais acerca do tema em estudo, uma vez que não se pretende esgotar o conteúdo, e sim incitar para que mais trabalhos possam ser viabilizados a partir dessa contribuição. Assim, este trabalho buscou contribuir para maiores discussões acerca do tema no território maranhense e conseqüentemente no contexto vargem-grandense que se nota, carece de mais estudos com esta finalidade.

³ A utilização da palavra interior aqui se refere ao termo utilizado pelos sujeitos na região para caracterizar áreas rurais do município. Sempre que se referem aos povoados, os classificam como o “interior” e acrescentam o nome do mesmo em seguida.

2 DINÂMICAS DE VIDA E SOCIEDADE: Vargem Grande entre o rural e o urbano

[...] E hoje nossa cidade tá grande, num tá! Pra quem chegou aqui e viu, hoje é cidade pra mim e outros que conheceu aqui. É cidade!
(Maria de Nazaré Araújo, 2021)

Figura 2 - Portal da cidade



Fonte: Weba (2017).

A foto apresenta o portal da cidade de Vargem Grande – MA, inaugurado no ano de 2010, um dos cartões postais da cidade. O mesmo é emblemático se relacionado à fala de D. Maria de Nazaré que acima, com entusiasmo, diz o quanto a cidade cresceu, em termos populacionais e territoriais, forçando igualmente um desenvolvimento socioeconômico que, na prática, não acompanhou os aspectos apontados.

A cidade - localizada à 170 km de São Luís - capital do estado - é conhecida nacionalmente por sua forte religiosidade, mais especificamente por seu grande festejo de São Raimundo Nonato do Mulundus que ocorre anualmente no final do mês de agosto. A dinâmica populacional no município de Vargem Grande vem passando por transformações nas últimas décadas, uma compreensão dessa conjuntura está intimamente ligada à análise das condições sociais, culturais e econômicas, demandando ainda um olhar sensível quanto aos modos de ser, viver e se organizar da população vargem-grandense.

Neste contexto, discute-se a seguir a dinâmica da vida na sociedade vargem-grandense analisando inicialmente os conceitos de cidade, rural e urbano. Destaca-se ainda aspectos da historicidade desse município e de sua política administrativa desde a sua fundação aos dias

atuais, apresentando um panorama desse processo de formação do espaço da cidade que vai se moldando ao sabor de mudanças estruturais e sociais. Enfatiza-se ainda o desenvolvimento de ciclos econômicos que experimentam oscilações entre períodos aparentemente prósperos e outros mais decadentes.

Observando a especificidade local, dá-se ênfase ao protagonismo feminino que, em meio às adversidades, foram se constituindo pilares de movimentos sociais a partir de associações de bairros que, em diversos momentos, foram centrais para conquistas coletivas. A presença da igreja católica nestes movimentos é outro fator que desperta curiosidade, levando a uma discussão crítica acerca desse papel da igreja em meio à dinâmica da cidade e sua relação na construção de práticas solidárias com a população carente dos bairros.

Notamos assim que, as dimensões de sociabilidade são relevantes à medida que apresentam-se na perspectiva da história vista de baixo, enfatizando o papel dos moradores (entrevistados) que, por meio de seu cotidiano, expõe uma dinâmica ativa da cidade, sugerindo uma construção da identidade vargem-grandense baseada em constantes conflitos sejam de ordem pessoal (superando adversidades da vida) ou que se estendam a grupos de pessoas (invocando uma melhoria em uma esfera mais ampliada da vida em sociedade).

2.1 Cidade: definições e especificidade local

A cidade é, de acordo com Pesavento (2008b, p.10), materialidade, sociabilidade e sensibilidade, pois esta é uma construção material realizada pelo homem, e é ainda, palco de relações sociais, de interações, é coletividade, reduto de uma vida social, objeto de discursos e imagens que são traduzidos em sensações, expectativas, desejos, medos, sonhos e sentimentos. É nesse espaço cheio de contradições, mas repleto de um misto de sentimentos e acontecimentos que se insere o estudo ora proposto, no intuito de captar o mínimo dessas experiências que enriquecem as nossas relações com o outro e com o espaço em que vivemos.

Diante disso, segundo o dicionário Michaelis (CIDADE, 2015), a cidade define-se enquanto uma “Grande aglomeração de pessoas em uma área geográfica circunscrita, com inúmeras edificações, que desenvolve atividades sociais, econômicas, industriais, comerciais, culturais, administrativas etc.; urbe.” Assim, o espaço da cidade, a urbe, se caracteriza enquanto lócus de inúmeras relações humanas e que concentra uma série de atividades que lhes são próprios.

O conceito de cidade, segundo Vasconcelos (2015, p.18), vem ao longo dos séculos ganhando novos significados, apresentando variações que discorrem sobre seu espaço e tempo

de elaboração, o mesmo apresenta características próprias em diversos contextos históricos, sendo, pois, bastante diverso.

Lefebvre (2001, p.52) apresenta as seguintes definições para cidade: “é obra a ser associada mais com a obra de arte do que com o simples produto material” bem como a cidade é ainda, de acordo com este autor, “a obra de uma história, isto é, de pessoas e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.”. A produção da cidade pelos sujeitos se faz em sintonia com os processos históricos vivenciados e permite a participação das mais variadas histórias em um contexto complexo de materialização e subjetivação que incide na formação da cidade.

Segundo Harvey (1973 *apud* Vasconcelos, 2015, p.20) a cidade é um “[...] sistema dinâmico complexo no qual a forma espacial e o processo social estão em contínua interação”. Do ponto de vista desse autor, podemos compreender a dinâmica da cidade por meio de sua complexidade, ao passo em que se constitui mediante as relações estabelecidas entre o material e o social, a formação da cidade sofre interferências dos sujeitos, esta por sua vez implica na (re) organização destes no espaço em que habitam. Sendo, pois, essa correlação, uma constante neste processo.

De acordo com as contribuições de Rolnik (1995, p.13), a cidade é um “ímã”, pois a mesma desde suas mais remotas formações, reúne pessoas em torno de diversas atividades sociais, políticas e econômicas. Sendo ainda, um sistema de “escrita” pois a cidade por si já se configura enquanto espaço de leitura (suas ruas, praças, casas) exprimem “textos” que podem ser interpretados pelos diferentes sujeitos em diferente tempos e espaços. Ainda segundo Rolnik (1995), para além dos textos produzidos tradicionalmente em documentos, há a produção arquitetônica que também dizem muito sobre a cidade. Cabe salientar que,

Ao pensar a cidade como imã, ou como escrita, não paramos de lembrar que construir e morar em cidades implica necessariamente viver de forma coletiva. Na cidade nunca se está só, mesmo que o próximo ser humano esteja para além da parede do apartamento vizinho ou num veículo de trânsito. O homem só no apartamento ou o indivíduo dentro do automóvel é um fragmento de um conjunto, parte de um coletivo. (ROLNIK, 1995, p.20)

Essa coletividade defendida pela autora demonstra a efervescência da vida na cidade, bem como os fluxos presentes no seu cotidiano (pessoas, transportes, mercadorias, conhecimentos, etc). Essa realidade comumente encontrada nas grandes cidades também se faz presentes em cidades pequenas, como em Vargem Grande – MA, onde esses fluxos constantes se entranham na dinâmica da cidade, ainda que numa intensidade menos acelerada, esta se

caracteriza enquanto parte de uma coletividade que organiza e condiciona as ações dos sujeitos que nela coabitam.

A cidade pode ser compreendida em sua complexidade como efeito de diferentes ações dos sujeitos que a compõem, quer seja a partir de um processo natural, seja pela ação direta de intervenção humana na produção deste espaço. Questioná-la, nesta perspectiva, implica adotar posturas reflexivas a respeito de todo o processo que a envolve, desde sua formação a seu povoamento, bem como a sua expansão, pensando ainda os aspectos estruturantes destas questões, pois segundo Pesavento (2002, p.10): “A cidade não é simplesmente um fato, um dado colocado pela concretude da vida, mas, como objeto de análise e tema de reflexão, ela é construída como desafio e, como tal, objeto de questionamento”.

A reflexão a respeito da expansão da cidade leva-nos ao desenvolvimento de análises de natureza objetiva, mas, para além disso, de aspectos subjetivos que se encontram envoltos na dinâmica da urbe. Aos sujeitos que na cidade e da cidade vivem, cabe a experiência de interferir e ao mesmo tempo sentirem as interferências desta, de modo que sua relação espaço-tempo se constitua enquanto lócus de transformações que decorrem dessas inter-relações compartilhadas. Com ênfase nessa relação recíproca, cabe refletirmos que,

Se uma cidade é uma obra do homem que se apropria do espaço; se a cidade é, por assim dizer, uma vitória da cultura contra a natureza, a cidade é ainda paisagem, uma paisagem social. Ora, uma paisagem é um recorte da natureza organizada pelo olhar e, no caso da cidade, reveladora da apropriação social do território. Uma paisagem urbana, na sua composição, lida com referenciais significativos de composição visual, identificadores da realidade urbana estilizada pelo olhar. (PESAVENTO, 2008a, p.7)

A cidade é, segundo a autora, produção da sociedade, constituindo-se enquanto uma paisagem, ainda que não natural, mas social, pois é uma construção humana, que ao apropriar-se do espaço para atender às suas necessidades de vida, sobrepõe-se sobre ela toda a sua carga cultural, tornando-a parte inseparável da vida em sociedade.

Seguindo a lógica acima descrita, a cidade compreende ainda, segundo Claval (1981 *apud* VASCONCELOS, 2015, p.20) uma organização que possibilita a maximização das interações sociais pois, por meio do contato indiscutivelmente necessário entre os sujeitos, estas relações se expandem à medida em que há um maior número de pessoas nos seus limites.

Entretanto, se pensarmos a especificidade local e analogicamente outras realidades há uma maximização de relações sociais em comparação ao espaço rural, os contatos estabelecidos são expressões de uma maior concentração populacional. A despeito disso, cabe um parêntese, pois ainda que as comunidades rurais sejam agrupamentos bem menores de habitantes, estes mantêm relações bem mais próximas entre os sujeitos se comparadas à cidade, pois atualmente

as interações humanas na cidade, estão condicionadas aos temores que se tem ou não da aproximação do outro. Neste sentido, é interessante perceber essa dubiedade no que se refere à maximização das relações sociais no espaço da cidade, pois ainda que haja uma concentração maior de pessoas, isso não significa que estas mantenham proximidades duradouras.

Neste sentido, compreender a cidade enquanto uma complexidade em constante interação, viabiliza uma análise das práticas sociais, bem como da dinâmica cotidiana dos moradores da cidade de Vargem Grande em meio às transformações que vêm se desenhando em seu espaço a partir da década de 1980.

Vargem Grande, no entanto, constitui-se enquanto espaço diferenciado das cidades com grandes estruturas, como se apresentam nos estudos de Jacobs (2000), Rolnik e Klink (2011) que estudam cidades do sul, sudeste e centro-oeste do país, pois, apesar de Vargem Grande possuir uma estrutura mínima de cidade, ainda assim constitui-se em polo dinâmico de movimentos populacionais, encontrando-se constantemente imersa em uma dinâmica tal como aquelas discutidas nestes autores, de modo que, aquém da condição de metrópole, a cidade aqui pesquisada carrega especificidades que carecem de estudos que compreendam o processo na qual está inserida.

Pesquisas a respeito das cidades são constantemente explorados por diversos autores (VEIGA, 2002; GEDDES, 1994; LEFEBVRE, 2001) dentre outros. A cidade constitui-se palco de inúmeras relações que a despeito do espaço, estão sempre imersas em interações coletivas. Assim, em meio as diversas fontes que utilizamos para a leitura de uma cidade, há que se notar a especificidade da oralidade, pois ao passo em que apresenta uma subjetividade, pode também apresentar nuances de uma identidade cidadina ainda não observada. Diante disso, Pesavento (2007, p. 20) afirma que,

Para além da palavra escrita, há aquela da oralidade, que implica outra forma de dizer a cidade, através do som e das palavras ditas. Entram em cena, assim, os recursos de uma história oral, recuperando depoimentos e relatos de memória, que retraçam uma experiência do vivido e do possível de ser recuperado pela reminiscência, transmitido no presente para aqueles que não estiveram na cidade do passado.

Assim, no contexto do estudo sobre a dinâmica da cidade em Vargem Grande – MA, a oralidade far-se-á presente ao passo em que a mesma é uma fonte que possibilita a imersão em aspectos que fontes outras não podem fornecer, as experiências vividas na cidade que dão conta de aflorar questões que possam responder às inquietações levantadas.

As experiências de vida na cidade se fazem presente nas leituras realizadas sobre a mesma, seja qual for o meio pelo qual a lemos – textos escritos, arquitetura, oralidade – estes

dão conta de expressar uma infinidade de nuances que distinguem os diferentes espaços, isto posto, “o próprio espaço da cidade se encarrega de contar sua história” (ROLNIK, 1995, p.19).

Nesta perspectiva, a autora considera que o registro da vida social se faz e refaz a partir de diversas facetas. A compreensão dessa capacidade de aceitação do espaço enquanto lócus de historicidade, faz com que haja uma preocupação maior com a memória coletiva, a partir da conservação de várias construções arquitetônicas que permitem essa “leitura” da cidade, mesmo que estas sejam apenas para apreciação e não mais como espaços de atividade social pulsante.

As cidades são espaços que contemplam diversas experiências sociais, pois ao passo em que podem ser lidas, estas também são constituídas de sentido,

Cada cidade é um palimpsesto de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo de sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa. Nesse curioso processo de superposição de tramas e enredos, as narrativas são dinâmicas e desfazem a suposta imobilidade dos fatos. Personagens e acontecimentos são sucessivamente reavaliados para ceder espaços a novas interpretações e configurações, dando voz e visibilidade a atores e lugares. (PESAVENTO, 2007, p.17)

Em face disso, cada história contada a partir de narrativas acerca das vivências na cidade e a respeito dela ao longo de sua constante formação, são espaços de experiências individuais e coletivas dos sujeitos que dela fazem parte. Assim, a visibilidade dessas narrativas é essencial para pensarmos a construção do espaço na produção de sentido que implica no desenvolvimento de práticas sociais capazes de despertar novas interpretações diante dos lugares e atores que o compõem.

Acrescenta-se a isso a ideia de que, “o espaço urbano, na sua materialidade imagética, torna-se, assim, um dos suportes da memória social da cidade.” (PESAVENTO, 2002, p. 16). As imagens, bem como as relações sociais, são responsáveis pela elaboração de memórias que, na dinâmica da cidade se constituem enquanto espaços de experiências vividas ou produzidas pelos sujeitos a partir dos contatos estabelecidos.

Através de discursos e imagens, o homem rerepresenta a ordem social vivida, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. Há, pois, um deslizamento de sentido, uma representação do outro que não é idêntica, porém, análoga, uma atribuição de significados que expressam intenções, desejos, utopias, mitos. (PESAVENTO, 1998, p.1236)

A memória, neste sentido, atua como representação do vivido, ainda que desfoque em alguns momentos, costuma apresentar nuances de uma realidade em que os sujeitos atribuem significados que perpassam pelas experiências pessoais ou coletivas de seu grupo social. Sendo que, segundo Nora (1993, p.12), “os lugares de memórias são, antes de tudo, resto.”. Pois são

resquícios de lembranças que sofrem influências externas e temporais, interferindo de forma contundente na produção das memórias ao longo do tempo.

A vida na cidade implica produção de memória, bem como outros espaços igualmente o fazem. Em vista disso, pensar o rural em contradição ao urbano bem como extensão ou articulados entre si requer uma discussão acerca desses termos, o que é a proposta das linhas a seguir.

2.1.1 Dimensões do rural e do urbano em Vargem Grande - MA

As definições sobre espaços considerados urbanos e espaços rurais no Brasil, remete-se ainda da primeira metade do século XX, período da promulgação do Decreto-lei nº 311, de 02 março de 1938, que na ocasião dispunha sobre a divisão territorial do Brasil, tornando-se um marco legal e estabelecendo critérios para a diferenciação entre os aspectos rurais e urbanos, o qual forneceu regras para a delimitação prática destes espaços. Esta foi ainda, segundo IBGE (2017c, p. 97), uma resposta às inquietações do Instituto Nacional de Estatística que,

Defendiam o ordenamento territorial como condição fundamental para o conhecimento aprofundado do Território Nacional e de sua população através da atividade censitária. O decreto-lei apresentou uma definição político-administrativa para identificar áreas urbanas e rurais que foi alvo de muitas críticas. Contudo, é importante ressaltar que o Decreto-lei n. 311/1938 teve o mérito de estabelecer uma base de dados mais sistematizada sobre o Território Nacional, propiciando mais consistência às informações coletadas e divulgadas.

Apesar de ser uma lei que já tem um longo período de existência, ainda se mantém na sua integridade, sendo utilizada para análises censitárias, mesmo que nas constituições subsequentes haja menção à lei, esta não se modificou muito durante todos esses anos, fato que comporta a responsabilidade dos municípios em definir os seus limites territoriais, mantendo também a ideia de definição do urbano e por exclusão, o rural (IBGE, 2017c).

A despeito disso, ao longo dos tempos uma discussão acerca dos conceitos de rural e urbano tem gerado grandes questões, pensar seus limites e contradições tem subsidiado estudos e aflorado diálogos nos mais diversos espaços, sejam acadêmicos sejam em rodas de conversas informais. Suas formações espaciais sejam físicas ou sociais, levam em consideração toda uma discussão sobre onde encerra o urbano e inicia o rural e vice-versa.

Nos diálogos mais recentes acerca desse debate, cabe a compreensão de que há uma relação muito próxima entre esses dois polos que incidem em influências de um para com o

outro, implicando, neste caso, em um *continuum* que abarca os dois espaços. Nesta perspectiva, segundo IBGE (2017c, p. 15),

A ideia de um *continuum* rural-urbano parece promissora tendo em vista a dificuldade de distinção entre as morfologias rural e urbana. [...] à luz dos fatos apresentados, o rural e o urbano precisam ser compreendidos em sua diversidade, que podem ser avaliadas de forma plural em abordagens como a legal, a morfológica, a demográfica, a cultural, a econômica, entre tantas outras. A utilização de qualquer uma delas, de forma isolada ou combinada, deve ser vista como uma aproximação parcial da realidade.

A diversidade que apresenta os espaços rurais e urbanos dá margem para a pluralidade de abordagens feitas no sentido de compreensão destas, ainda que se chegue a uma unanimidade em relação aos conceitos e definições, não se pode tomar como realidade total, pois estas serão apenas leituras parcelares da discussão que se mostra ainda bem distante de uma perspectiva conclusiva.

A complexidade da questão urbana em relação as cidades pequenas (caso de Vargem Grande – MA) é discutida por Ojima e Marandola Jr. (2012) que apontam a visibilidade de deslocamentos diferenciados entre os municípios não metropolitanos, ainda que os autores apresentem uma realidade mais recente, esta é analogicamente vivenciada no município, foco da pesquisa, pois segundo os autores,

Deslocamentos cotidianos horizontais entre cidades pequenas ou entre cidades médias, ou entre médias e pequenas, com uma pluralidade de orientações e destinos apresenta novas dinâmicas no urbano não metropolitano que ainda não estão bem delineadas, e que não passam necessariamente pelos espaços metropolitanos centrais. Em outras palavras, há processos novos que têm se difundido pela rede urbana brasileira, que não são comandados pelas metrópoles, embora, evidentemente, estejam conectados às redes e sistemas que organizam toda a estrutura urbana nacional. (OJIMA; MARANDOLA JR., 2012, p.2)

No que tange a estes fluxos de pessoas por entre os espaços, com deslocamentos diferenciados em contextos plurais, a discussão que se propõe no que se refere ao rural e urbano não podem mais ser compreendidos enquanto polos completamente contrários e estanques. Buscar uma definição para tais conceitos não é uma tarefa fácil, pois a partir do momento em que as relações sociais se estabelecem nesses espaços, a barreira antes visibilizada a partir dos limites físicos passam a se desintegrar e a buscarem novos sentidos diante das práticas sociais.

Isto posto, há que se compreender que, “o rural e o urbano, enquanto manifestações socioespaciais, se apresentam de forma bastante complexa e heterogênea” (IBGE, 2017c, p.08), por conseguinte, não se pode pensar esses espaços desconectado um do outro, pois a complexidade ora exposta sugere que os fluxos permanentes de pessoas, bens e serviços se articulam

simultaneamente ao passo em que a sociedade se encontra imersa nessa dinâmica. Nesta perspectiva, o IBGE (2017c, p. 39) complementa afirmando que,

A crescente complexidade do meio rural, que no geral passou por uma diversificação econômica, fez com que emergissem tipologias que procuram qualificar os estratos rurais e urbanos, relacionando-os a questões de acessibilidade e oferta de serviços, por exemplo. [...] Apesar das tentativas recentes de ampliar o leque de abordagens de classificação das áreas rurais e urbanas, na maioria das vezes é inevitável a utilização de patamares demográficos em alguma etapa da tipologia. Dessa forma, não se trata de abandonar os dois critérios mais frequentes – tamanho de população e político-administrativo – e sim de associá-los a outros critérios.

A questão posta acerca da complexidade de caracterização destes espaços faz com que se busque várias formas de pensar essa realidade, ainda que se considere as delimitações espaciais baseadas na demografia e limites oficiais. A abordagem sobre estes espaços necessita de flexibilidade ao considerar a amplitude do debate, uma vez que a densidade demográfica não caracteriza necessariamente a distinção entre rural e urbano, esta, por sua vez é apenas um entre os muitos aspectos que precisam ser considerados no âmbito dessa discussão. Assim sendo, Monte-Mór (2005, p. 443) esclarece que,

Velhas formas dicotômicas de organização do espaço social, tendo na cidade/campo sua expressão fundante e mais clara, deixam de existir em suas formas puras. Difícil falar hoje de cidade ou de campo como formas e/ou processos socioespaciais antagônicos, na medida em que seus limites, naturezas e características estão cada dia mais difusos e integrados.

Essa integração cidade-campo compactua com a ideia de que, atualmente elaborar formas de diferenciar estes conceitos torna-se cada vez mais laboriosos, pois diante das possibilidades de distinção há tantas outras que aproximam esses espaços, tornando-os cada vez mais imbricados.

A tentativa de conceituações opostas dos termos incide necessariamente em perdas de sentido para os mesmos, e essa relação mais próxima exprime as conexões que são estabelecidas num constante movimento de pessoas entre cidade e campo, ainda que não para fixar moradia, mas para satisfação de necessidades básicas seja aqui ou lá, um espaço necessita do outro numa dinâmica de ir e vir incessante.

No espaço da cidade de Vargem Grande, essa realidade se materializa nos inúmeros fluxos vivenciados, influenciando de certa forma a migração entre os espaços, notadamente do campo para a cidade, ainda que este carregue traços daquele e vice-versa. Nesta dinâmica Santos (1998, p. 9) relata que,

A urbanização se avoluma e a residência dos trabalhadores agrícolas é cada vez mais urbana. Mais que a separação tradicional entre um Brasil urbano e

um Brasil rural, há, hoje, no país, uma verdadeira distinção entre um Brasil urbano (incluindo áreas agrícolas) e um Brasil agrícola (incluindo áreas urbanas).

O autor considera que para além da dicotomia rural-urbano vista de forma tradicional, há uma nova forma de conceber estas relações entre estes espaços, pois há formas heterogêneas de pensar estas formações, de modo que, no Brasil há espaços rurais que apresentam traços e características urbanas, bem como em espaços urbanos encontramos indícios de ruralidade, ao passo em que essa dubiedade antes estática vai tornando-se liquefeita.

Segundo Lefebvre (2001), a relação entre campo e cidade, diante do tempo histórico vivenciou várias mudanças, a depender da época e dos modos de produção, em alguns momentos foi extremamente conflitante, em outros, bem mais tranquila, no entanto, sem deixar de apresentar suas contradições.

Nos dias atuais, essa relação passa por constantes mudanças advindas das novas relações existentes, visto que a cidade exerce uma atração e formas de dominação e exploração mais sutis sobre o campo. A cidade em constante expansão adentra ao campo, seja pela sua forma física, sua forma abstrata, influenciando pelos meios de comunicação que romantizam o consumismo próprio do espaço da cidade, conseqüentemente atraindo suas reservas populacionais. O conflito posto entre os termos cidade-campo é uma discussão que ainda tem muito a ser debatida, pois, para Lefebvre (2001, p. 75)

A oposição ‘urbanidade-ruralidade’ se acentua em lugar de desaparecer, enquanto a oposição cidade-campo se atenua. Há um deslocamento da oposição e do conflito. Quanto ao mais, em escala mundial, o conflito cidade-campo está longe de ser resolvido, todos sabem disso. Se é verdade que a separação e a contradição cidade-campo (que envolve a oposição entre os dois termos, sem se reduzir a ela) fazem parte da divisão do trabalho social, é preciso admitir que esta divisão não está nem superada nem dominada.

Os conflitos existentes entre os termos, bem como suas características multifacetadas se acumulam ao longo de vários debates, nesta perspectiva, o campo vem se perdendo no seio da cidade, e esta passa a absorvê-lo de várias formas, numa constante “quebra de braço” invisibilizada pelos contextos de produção destas relações.

Em Vargem Grande, a dicotomia campo-cidade se acentua ao passo em que as diretrizes governamentais que demandam serviços básicos de assistência à pessoa são visivelmente excludentes, pois o acesso destas populações às suas necessidades individuais (durante o período em estudo) foram ofertadas de modo muito tímido, incidindo assim, em grandes fluxos de pessoas migrando dos espaços do campo para a cidade em busca, regularmente, por usufruir de maneira mais palpável dessas questões, a saber, educação, saúde, trabalho, lazer.

Face ao exposto, Olinger (1991, p. 38) ressalta que “os processos migratórios do campo para a cidade mostram que as áreas urbanas oferecem melhores condições de vida, pelo menos, aparentemente, do que áreas rurais”. Essa crença na bonança alcançável da cidade, é posta em disputa num plano abstrato com as dificuldades supostamente vivenciadas no campo, viabilizada por diferentes meios, desde os meios de comunicação audiovisual, até os próprios sujeitos que elaboram imaginários que perpassam entre si. De forma que, para De Maria (2019, p. 555) “nota-se que a migração para a cidade tem gerado um adensamento populacional que fez com que o crescimento do meio urbano fosse em muito superior à expansão dos serviços básicos e das condições mínimas de vida digna e de justiça na cidade.”.

A discussão posta acerca desses movimentos, bem como das condições de vivência dos sujeitos no espaço da cidade vai de encontro com as possibilidades de oferta destes serviços básicos de que dispõe a cidade, uma vez que há uma procura acelerada e uma oferta precária dos mesmos.

As dimensões de rural e urbano se constituem em espaços cada vez mais contíguos, em que mantém entre si proximidades que vão para além dos espaços físicos, mostram-se ainda proximidades de ordem social, econômica e cultural. Portanto, pensar esses espaços implicam uma análise das questões que envolvem o universo estudado, encontrando em sua historicidade aspectos que a singularizam e a tornam atraente em sua complexidade, sendo a pretensão do próximo item.

2.2 O município de Vargem Grande - MA: historicidade do universo pesquisado

O município de Vargem Grande (denominação atual), fora em seus primeiros tempos uma povoação conhecida por Freguesia de São Sebastião da Manga do Iguará, parte integrante da então Vila Águas Boas (atual Icatu). Segundo Marques (1970, p.7.627) “foi mui bem escolhido este lugar por ser plano, abundante de pastos e banhado pelos rios Iguará, Munim e Preto e por isso muito próprio à criação e solta de gados. Além destas vantagens, dista 1 légua do Iguará e 2 da Manga, portos de embarque.”. Era, portanto, um lugar com relevo bastante propício à criação de gado, por esse motivo, nos séculos subsequentes passa a atrair criadores e se torna um local de intensa atividade pecuarista.

De acordo com Silva (2002), a partir de 1730, vaqueiros vindos da Bahia com os seus gados e trabalhadores escravos se instalaram para trabalharem com diversos negócios destacando-se as fazendas de gado e lavouras, migraram ainda cearenses fugindo das secas constantes na região, abrigando-se nestas terras.

Com o dinamismo econômico gerado a partir do estabelecimento de outras culturas econômicas, como açúcar e algodão, essa freguesia foi elevada à condição de Vila com o nome de Vila da Manga do Iguará. Neste sentido, a povoação se desenvolveu abundantemente por meio destas atividades econômicas e por ser considerada uma área muito extensa, desmembrou-se de Icatu no ano de 1805 por sentença do Bispo do Maranhão, D. Luís de Brito Homem (MARQUES, 1970). A seguir discute-se aspectos dessa dinâmica econômica, bem como a cultura religiosa, característica marcante deste município.

2.2.1 Dinâmica social: economia, política e cultura religiosa.

Por um longo tempo, do século XVII à primeira metade do século XX, em termos econômicos, Vargem Grande ficou caracterizada pela cultura da cana-de-açúcar, do arroz, do algodão, da criação de gado, e anos depois, em meados do século XX, pelo extrativismo vegetal, tendo como principal produto o coco babaçu, o qual ainda nos dias atuais é a principal fonte de renda de trabalhadores rurais deste município.

Na primeira metade do século XX, segundo Silva (2002) no município de Vargem Grande – MA ainda prosperava grande atividade econômica, com destaque para o cultivo de algodão, açúcar, arroz, mandioca e na criação de gado. Havia ainda uma imposição da atividade extrativista voltada para o coco babaçu, e uma forte exportação de amêndoas para a capital do estado, bem como para outros estados da federação, ficando este período marcado enquanto uma acentuada prosperidade econômica do município.

Essa atividade referente ao extrativismo vegetal é sinalizada na pesquisa monográfica de Vera Lucia Mesquita Silva, realizada em 1999, que trata dos aspectos socioeconômicos do município, a mesma relata que

Nas décadas de [19]30 e [19]40 a cidade dispunha de várias fábricas como: fábricas de descaroçar algodão que funcionava por tração animal, 02 (duas) fábricas de extração de óleo babaçu, (IMOVESA – Indústria de Óleo Vegetal e OVEMOL – Indústria Vegetal Mesquita), torrefação (moagedora de café) a Paulica e a Alvorada. Os produtos do babaçu fabricados no local eram comercializados para várias capitais: São Luís, Fortaleza, Teresina, Belém, Recife, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul. (SILVA, 1999, p. 48)

A despeito disso, a pesquisadora aponta que ao final do século XX o município passa a dispor apenas de pequenas indústrias de base familiar, desenvolvidas por meio de processos artesanais, em que pese que a produção se torna apenas para suprir necessidades locais com

pouca circulação externa desses produtos, havendo, pois, um declínio em transações comerciais com outros espaços.

Ao desenvolver a pesquisa monográfica que destaca uma prática religiosa secular no município, Ilma Mesquita (1997) enfatiza igualmente que, após o declínio das atividades agrícolas surge no cenário municipal com mais força, o extrativismo vegetal.

A partir de então, dominou no cenário econômico a atividade extrativa vegetal. Destacamos, principalmente a extração da amêndoa do coco babaçu, extraído da palmeira do mesmo nome, que comandou um rico comércio de exportação para a capital e para outros estados, onde, através de processo industrial, era transformado em óleo comestível. Nos áureos tempos do comércio do babaçu, Vargem Grande conheceu um período de hegemonia e invejável progresso em relação às cidades circunvizinhas. (MESQUITA, 1997, p. 12-13)

Essa movimentação na economia local, apontado pela historiadora, eleva as condições econômicas deste município, notando-se a relevância desta prática extrativista. A presença de fábricas de beneficiamento deste produto eleva a dinamicidade do município em nível regional, pois se torna produtora e exportadora deste produto, segundo a pesquisadora, os anos de 1960 e 1970 foram marcantes dessa prática econômica no município.

Barros (2000) em sua pesquisa monográfica acerca da importância do babaçu no contexto socioeconômico do município de Vargem Grande afirma que,

Em decorrência de suas potencialidades, sabe-se que é possível extrair desse vegetal uma infinidade de produtos que vão desde óleos até a utilização como combustível. A palmeira do babaçu está intimamente ligada à vida do homem, que o utiliza na construção civil na confecção de cestos, esteiras, entre vários outros utensílios. Diante de sua grande vitalidade, o babaçu teve e terá grande representatividade socioeconômica para o município. (BARROS, 2000, p.30)

Barros, ao analisar a importância desse produto na economia do município, destaca as suas potencialidades para além do óleo - item mais comercializado - dando ênfase aos demais utensílios que podem e são aproveitados pelos produtores agrícolas. O autor destaca que da massa do coco é possível sua utilização para bolos, cuscuz, beiju, farinha, cremes, doces, mingaus. Do caule da palmeira é possível a extração do palmito que serve de alimento para os animais, bem como pode ser utilizado para preparo de alimentos para consumo humano, como tortas, cozidos, etc. Das suas palhas é possível a fabricação de cestos, esteiras, vassouras. Demonstrando quão relevante é este produto para a economia local tanto quanto para a subsistência de seus conterrâneos.

No final do século XX, a partir dos anos de 1990, a economia do município é acrescida de outras variáveis, pois apresenta-se fortes incidências de desvalorização da atividade de

extração do babaçu, economicamente passa a ser substituída pelo comércio de produtos advindos de outras regiões - eletrodomésticos, calçados, tecidos e confecções - bem como pela introdução mais acelerada de atividades do setor público, que passa a contemplar um número relevante de trabalhadores efetivos em suas secretarias. Fenômeno que marca, de certo modo, um apagamento do desenvolvimento econômico voltado para produção local, pois a partir de então, as fábricas locais de beneficiamento do babaçu fecham as portas e não se tem mais no município produção especificamente local voltados para esse produto.

No tocante ao aspecto político, no ano de 1938, Vargem Grande “conquista” sua autonomia política-administrativa, a partir do decreto estadual nº 45, baseado no Decreto-lei n. 311, de 02 de março de 1938, que “a partir do citado decreto, todos os distritos-sede de municípios passaram a ser classificados como cidades, enquanto as vilas seriam todas as sedes de distritos” (IBGE, 2017c, p.37). Por meio desse decreto, Vargem Grande alcança o título de cidade, ficando esta data marcada na sua história, sendo comemorada anualmente em 29 de março de cada ano o seu “aniversário”, em 2021 Vargem Grande festejou seus 83 anos de emancipação política.

Alguns desmembramentos marcam a redução da extensão de terra que cobria o território de Vargem Grande, pois no ano de 1948 ocorre a emancipação de São Benedito do Rio Preto, seguida por Nina Rodrigues em 1961 e Presidente Vargas em 1964, municípios que à época se constituíam enquanto distritos, parte integrante do município de Vargem Grande. Todavia, todos esses processos de separação ocorreram de forma amigável para ambos os lados, sem conflitos notórios. Esses desmembramentos marcam o “início” oficial da História individual de cada um destes municípios, marcando a História político-administrativa de Vargem Grande nesta segunda metade do século XX.

A partir desse momento de emancipação o município passa a eleger seus representantes a partir do voto, tendo seu primeiro prefeito eleito no ano de 1948, sendo que nesse intervalo de 10 anos a mesma fora administrada por interventores, abaixo segue tabela com os prefeitos e seus respectivos pleitos, até o ano de 2010:

Tabela 1 - Prefeitos eleitos no município de Vargem Grande no período de 1948 a 2008

Ano/período	Nome do prefeito(a)	Filiação partidária
1948-1950	Luiz Gonzaga Barros	-----
1951-1955	Raimundo Clímaco Barroso	PST
1955-1961	Albino Martins Gomes ⁴	-----

⁴ Não foram encontradas menções aos partidos políticos aos quais pertenciam os três prefeitos que se encontram em branco na coluna filiação partidária.

1962-1966	José Firmino Gomes	PSD
1966-1970	Antônio Rachid Trabulsi	UDN
1970-1974	João Ferreira Lima	ARENA
1974-1977	Antônio Rachid Trabulsi	ARENA
1977-1982	Tomaz de Aquino Gomes	ARENA
1982-1988	José Pedro da Silva	PSD
1988-1992	Francisco Araújo Portela	PFL
1992-1996	Maria Aparecida Ribeiro	PDC
1997-2004	Ana Maria Nascimento Fernandes	PFL
2002-2004	José Pedro da Silva	-----
2005-2008	Maria Aparecida Ribeiro	PTB
2009-2012	Miguel Rodrigues Fernandes	PMDB

Fonte: Silva (2002) e o site do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão (<https://www.trema.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-antiores>).

Dentre os prefeitos eleitos listados notamos a presença de apenas duas mulheres no poder executivo desde então, Maria Aparecida Ribeiro (eleita em duas ocasiões, em 1991 para o pleito de 1992-1996 e posteriormente em 2004 para o quadriênio de 2005-2008) e a Ana Maria Nascimento Fernandes (igualmente eleita em duas oportunidades). Estas foram líderes bastante populares, tendo ainda nos dias atuais lembranças da população quanto aos seus posicionamentos humildes para com o povo, ainda que, como comumente acontece entre os governantes tenham suas falhas administrativas ressaltadas por outros.

Após o falecimento da prefeita Ana Maria Nascimento Fernandes⁵, o viúvo Miguel Rodrigues Fernandes – médico atuante na cidade, que já havia sido vice-prefeito no mandato de 1988-1992 – disputa a política como candidato à prefeito na campanha de 2004, no entanto por questões internas partidárias é impedido de continuar e poucos dias antes da eleição anuncia um substituto, não conseguindo êxito nessa investida, nem tão pouco seu substituto, porém, na campanha seguinte (2008) disputa novamente e consegue a vitória para o pleito de 2009 a 2012. A família Fernandes fora influente na política vargem-grandense, atuando desde fins dos anos de 1980 aos dias atuais.

Quanto à religiosidade, o município de Vargem Grande carrega forte expressão, voltada majoritariamente para o catolicismo, ainda que se apresente nas últimas décadas várias

⁵ Esta foi vereadora entre 1988 e 1992 e posteriormente eleita prefeita para o pleito de 1997-2000 e reeleita para 2001-2004, no entanto, no ano de 2002 veio a óbito por complicações de saúde, sendo vítima de um aneurisma que a fez desmaiar e cair do palco quando de sua fala em um evento voltado para a educação que ocorria no ginásio municipal Gastão Vieira, chocando a multidão presente, bem como a população em geral, fora levada às pressas ao hospital na capital – São Luís - mas não resistiu, sendo anunciado o seu falecimento poucos dias depois. Quando da morte da então prefeita Ana Maria Nascimento Fernandes, assume José Pedro da Silva, na ocasião seu vice-prefeito, concluindo o mandato até 2004.

denominações religiosas de caráter protestante, espírita e outras. A igreja católica é, indiscutivelmente a que possui uma maior quantidade de adeptos, como podemos notar na tabela do IBGE abaixo:

Tabela 2 - População residente por sexo e religião

Variável - População residente - percentual do total geral						
Município - Vargem Grande (MA)						
	2000			2010		
	Total	Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres
Total	100	50,21	49,79	100	49,82	50,18
Católica Apostólica Romana	93,06	47,18	45,88	90,82	45,39	45,43
Católica Ortodoxa	0,08	0,03	0,05
Evangélicas	6,58	3,1	3,48
Evangélicas de Missão	0,69	0,21	0,48	0,92	0,44	0,48
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Presbiteriana	0,01	-	0,01
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Batista	0,36	0,16	0,2
Evangélicas de Missão - Igreja Evangélica Adventista	0,55	0,28	0,27
Evangélicas de origem pentecostal	5,28	2,42	2,86	5,22	2,43	2,79
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Assembléia de Deus	3,44	1,55	1,89
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Congregação Cristã do Brasil	0,12	0,07	0,05
Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	0,38	0,23	0,15
Evangélicas de origem pentecostal – outras	1,27	0,58	0,7
Evangélica não determinada	0,44	0,23	0,21
Testemunhas de Jeová	0,18	0,07	0,11
Espírita	-	-	-	0,05	0,03	0,02
Umbanda e Candomblé	-	-	-	0,03	0,03	-
Umbanda	0,03	0,03	-
Novas religiões orientais	0,01	-	0,01
Novas religiões orientais - Igreja Messiânica Mundial	0,01	-	0,01
Outras religiosidades	0,17	0,04	0,13	-	-	-
Sem religião	0,56	0,26	0,3	2,14	1,14	1
Sem religião - Sem religião	1,96	1,07	0,89

Sem religião – Ateu	0,18	0,07	0,11
Não determinada e múltiplo pertencimento	0,06	0,01	0,04
Não determinada e múltiplo pertencimento - Religiosidade não determinada ou mal definida	0,06	0,01	0,04
Não sabe	0,04	0,02	0,02
Sem declaração	0,24	0,1	0,15	-	-	-

Fonte: IBGE (2000, 2017a)

Segundo os dados apontados, notamos que, no ano 2000 os membros da igreja católica eram superiores a 93% do total geral da população, em contrapartida, os pouco mais de 7% restantes da população dividia-se entre as demais denominações religiosas cristãs e não cristãs. No ano de 2010 esses índices oscilam deixando o catolicismo com um índice de 90,82%, dado que não representa uma mudança tão expressiva, mas nota-se uma tendência maior da abertura para as demais denominações.

Numa análise a respeito do sexo, o quantitativo de homens e mulheres no catolicismo seguem uma média equilibrada de adeptos, no entanto nas denominações evangélicas esse dado tende a inclinar-se mais para as mulheres, apresentando um índice maior em relação aos homens, ou seja, temos mais mulheres evangélicas do que homens, em sentido oposto, em religiões de matriz africana, bem como entre aqueles que se autodenominam sem religião, o percentual de homens é superior ao de mulheres.

Esse diferencial é simbólico para refletirmos a respeito da passividade feminina a partir dos preceitos religiosos cristãos em que a mulher deve ser o centro da “pureza” e da “virtude”, pois, possuir religião não cristã ou mesmo optar por não ter religião na sociedade em que vivemos requer uma autenticidade que em muitos casos é negada à figura feminina.

Estes dados, em que notadamente a maioria da população do município se autodenomina católica, tem em seus primórdios explicação plausível, pois segundo Mesquita (1997, p.23) desde o século XIX, o tradicional festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus, uma festividade religiosa de cunho católico ganha notoriedade no cenário local, estadual, nacional e até internacional.

De acordo com a pesquisadora supracitada - em seu trabalho desenvolvido a partir de fontes orais, em que entrevista antigos moradores da cidade - reza a lenda que este festejo teve sua origem a partir da história de um vaqueiro que durante uma caçada acidentou-se quebrando o pescoço, sendo que o corpo desaparecera, reaparecendo algum tempo depois já santificada e perfumado.

Neste período, o dono da fazenda adoecera gravemente e fora curado milagrosamente, sendo atribuído o feito ao vaqueiro que, a partir desse momento passa a ser adorado e venerado pelos moradores das proximidades, fazendeiros e escravos. Tão logo a esposa do fazendeiro curado, manda erigir uma imagem do então “santo vaqueiro”. Quanto ao destino do corpo, há duas versões populares, uma diz que o corpo fora levado pela igreja católica que o teria encaminhado à Roma, outra que relata ter sido escondido pelo povo.

De certo que, a igreja a partir de então, toma para si o culto ao santo, tornando-o uma festividade cultural religiosa do município. Ainda segundo a pesquisadora, há uma apropriação da igreja deste culto ao “santo vaqueiro”. No entanto, há um aspecto nesse processo que merece ênfase, pois houve uma fusão entre o “santo vaqueiro” e o santo espanhol canonizado São Raimundo Nonato, este último era um frade da ordem dos mercedários no sec. XIII, que se tornou conhecido pelo seu trabalho de libertação dos cristãos prisioneiros dos Mouros no norte da África (MESQUITA, 1997).

O “santo vaqueiro” de Vargem Grande – MA não fora canonizado, nem fora possível ainda a submissão a tal processo, o mesmo é venerado a partir de seu “xará”, este sim, canonizado pela igreja católica.

Com vistas a instituir, em nível local, um festejo que estivesse mais próximo de seus fiéis e de promover a instituição, a igreja católica realiza esse deslocamento e ao mesmo tempo essa fusão entre os “santos”, o que leva a uma devoção a São Raimundo Nonato dos Mulundus, este fato, fora explicado há algumas décadas, através de um opúsculo editado pelo Padre Mamede no ano de 1993, mas que segundo Mesquita (1997, p. 20) não foi acatada pelos devotos do “santo vaqueiro”.

A despeito disso, a festa foi, até o ano de 1953, realizada no povoado Mulundus de 22 a 31 de agosto, com grande movimentação popular numa mistura de sagrado e profano que o caracteriza até os dias atuais. O povoado era frequentado por um número significativo de romeiros numa efervescência que marcava cada edição. O comércio e o turismo eram dinamizados de forma a gerar riqueza, especialmente aos cofres paroquiais, e também àqueles que ousavam vendas extras. Leilões, terços, bailes, missas se alternavam num constante ir e vir de pessoas por entre os espaços do povoado.

No entanto, ainda de acordo com Mesquita (1997), a partir de 1954 o festejo é transferido para a sede do município, tendo por principal motivo o fato do povoado Mulundus ser de propriedade privada, do Sr. Adelmo Viana que, ao ser procurado pela igreja se negou a vender o terreno.

O Bispo D. Delgado transfere o festejo, portanto, definitivamente para a cidade em junho de 1954, havendo igualmente a mudança da romaria que antes saía para Mulundus de Vargem Grande em 21 de agosto, experimentando outros povoados, firma-se no povoado Paulica passando a sair em 22 de agosto às 6h e retornando às 16h para a sede paroquial. Porém, a mudança não significou grandes transformações na programação do festejo que permaneceu de 22 a 31 de agosto, mantendo uma notoriedade desse festejo que só cresce a cada edição.

A romaria é um momento de reencontro entre parentes, amigos e conterrâneos. Os vargem-grandenses que mudaram para outras cidades, estados ou mesmo para o exterior, condicionam suas férias a este período festivo e assim sendo o reencontro é sempre um motivo de alegria e prazer para todos. (MESQUITA, 1997, p.36)

Essa popularidade do festejo ganha outras regiões, das quais chegam inúmeros romeiros para a quitação de promessas a cada ano, sendo marcado por toda essa movimentação, que também atrai antigos moradores da cidade.

Portanto, a religiosidade do município se concentra fortemente no catolicismo, mas nos últimos anos tem adentrado a discussão outras variáveis que, como aponta a tabela apresentada, começa a acolher também outras denominações, mostrando que a diversidade religiosa tem adentrado em todos os espaços, e que o município se permitiu vivenciar esse processo com muita serenidade.

Essa movimentação ocorrida durante o festejo, bem como os fluxos de populações das áreas rurais para a cidade implicam num dinamismo populacional em processo, estabelecendo-se enquanto determinante de novas configurações sociais.

A compreensão acerca desses aspectos a partir de dados estatísticos e o olhar dos sujeitos acerca dessa realidade se faz presente na discussão que segue, onde se estabelece ainda comparações para se pensar essa estrutura em diferentes municípios do estado, tomando como critério de escolha os mais próximos à Vargem Grande.

2.2.2 O dinamismo populacional e expressões do cotidiano local

As condições de vida da população vargem-grandense em fins do século XX e início do século XXI, face à realidade que se apresenta aos seus habitantes, seja no âmbito econômico, social ou cultural, incidem na movimentação das pessoas por entre os espaços do município. Apesar das determinações destes movimentos, a percepção historicamente elaborada dessa nova formação espacial reflete o caráter mutante das atividades realizadas pelos sujeitos no decorrer do tempo, bem como das novas relações sociais que se estabelecem a partir daí.

Neste sentido, os números referentes à população do município de Vargem Grande, segundo os dados dos censos demográficos do IBGE, para os anos de 1980, 1991, 2000 e 2010 indicam que a população da cidade registra um aumento e a população do campo uma redução, apontando para uma nova dinâmica no município. Sendo ilustrado na tabela que segue:

Tabela 3 - População residente por situação do domicílio

Variável - População residente (Pessoas)				
Município - Vargem Grande (MA)				
Situação do domicílio	Ano			
	1980	1991⁶	2000	2010
Total	33.373	32.897	34.707	49.412
Urbana	8.834	12.194	17.116	26.687
Rural	24.539	20.703	17.591	22.725

Fonte: IBGE (1982, 1991a, 2000, 2017b)

Diante da tabela, podemos analisar que, no ano de 1980, a população rural era de 24.539 habitantes. Entretanto, em 1991 essa população reduz-se para 20.703 e na década seguinte, mais especificamente no ano de 2000, esse número reduz-se a um quantitativo de 17.591. Já em 2010, registra-se o quantitativo de 22.725 pessoas residindo na zona rural, representando um ligeiro aumento em relação à década anterior, mas ainda inferior ao quantitativo da área urbana.

Em contrapartida, na população da cidade observa-se um aumento regular verificado a cada censo, pois, no ano de 1980 a sua população que era de 8.834 habitantes, passa a apresentar um número 12.194 em 1991 e posteriormente, no ano de 2000, uma população de 17.116 habitantes, sendo que em 2010, esse total chega a 26.687, ou seja, um processo de acréscimo populacional no âmbito da cidade, em grande parte estimulado em decorrência do movimento populacional migratório interno.

É importante salientar que, observando o valor total da população no município no período em questão, em geral os números encontram-se entre 32 e 49 mil habitantes, nos dados apresentados (censos de 1980 a 2010), viabilizando a hipótese de que a população se movimentou internamente no âmbito municipal. Neste sentido, a discussão sobre a atração exercida pela cidade é essencial para compreender sua dinâmica de expansão, discussão proposta por essa narrativa.

⁶ O censo do IBGE é definido por lei desde a segunda metade do século XIX, sua realização é estabelecida para acontecer a cada 10 anos, tendo em alguns poucos momentos sua realização impossibilitada desde então. Fato que aconteceu com o censo previsto para 1990, este que fora transferido para 1991 por problemas fiscais e políticos da virada da década (OLIVEIRA; SIMÕES, 2005). Isso explica as tabelas se apresentarem nesta pesquisa sempre com períodos decenais, excetuando-se o ano de 1991.

O crescimento populacional nas cidades em detrimento do campo, pode ser percebido em nível nacional em fins do século XX, por meio da tabela a seguir pode-se perceber essas movimentações, a mesma suscita um exercício comparativo em nível de Brasil, Maranhão e alguns municípios do Maranhão (aqueles que se encontram nas proximidades em relação ao município de Vargem Grande):

Tabela 4 - População residente e situação do domicílio – comparativos

Variável - População residente - percentual do total geral					
Brasil, UF e Município	Situação do domicílio	Ano			
		1980	1991	2000	2010
Brasil	Total	100	100	100	100
	Urbana	67,59	75,59	81,25	84,36
	Rural	32,41	24,41	18,75	15,64
Maranhão	Total	100	100	100	100
	Urbana	31,4	40,01	59,53	63,08
	Rural	68,6	59,99	40,47	36,92
Cantanhede (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	17,59	25,82	48,13	63,38
	Rural	82,41	74,18	51,87	36,62
Chapadinha (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	31,52	50,46	60,71	72,1
	Rural	68,48	49,54	39,29	27,9
Coroatá (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	27,93	40,89	60,02	69,76
	Rural	72,07	59,11	39,98	30,24
Itapecuru Mirim (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	27,74	46,84	64,67	55,82
	Rural	72,26	53,16	35,33	44,18
Nina Rodrigues (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	10,59	25,99	40,57	35,61
	Rural	89,41	74,01	59,43	64,39
Pirapemas (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	31,17	37,09	56,51	64,13
	Rural	68,83	62,91	43,49	35,87
Presidente Vargas (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	17,05	38,5	35,71	42,75
	Rural	82,95	61,5	64,29	57,25
Timbiras (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	17,96	34,04	52,85	62,4
	Rural	82,04	65,96	47,15	37,6

Vargem Grande (MA)	Total	100	100	100	100
	Urbana	26,47	37,07	49,32	54,01
	Rural	73,53	62,93	50,68	45,99

Fonte: IBGE (1982, 1991a, 2000, 2017a, 2017b).

Em termos percentuais, nota-se em todos eles uma demanda urbana sempre em crescimento enquanto que o espaço rural se apresenta em declínio nos censos destacados. Podemos compreender, portanto, que o cenário que se estuda no município de Vargem Grande se caracteriza enquanto uma realidade geral do país.

Em nível de Brasil, o percentual urbano no ano de 1980 era de 67% já em 2010 passa a ser de 84% enquanto que o rural se apresentava com 32% em 1980 e 15% em 2010. No Maranhão esses índices constam de 31% da população residindo no espaço urbano em 1980 e 63% em 2010. Já os dados relativos ao espaço rural constam de 68% em 1980 e 36% no censo de 2010. As médias percentuais dos municípios são, em linhas gerais, similares ao que se apresenta em nível nacional e estadual, destacando-se com percentuais bem relevantes diante do quantitativo populacional destes espaços.

Diante disso, a dinâmica de expansão da cidade de Vargem Grande teve como consequência imediata o aumento no número de novos bairros localizados no entorno da cidade, a partir do surgimento de novas residências nas suas imediações, entre os mais recentes, temos os atuais bairros: Trizidela, Conjunto Ana Maria Fernandes, Santo Antônio, Canaã, Boa Esperança.

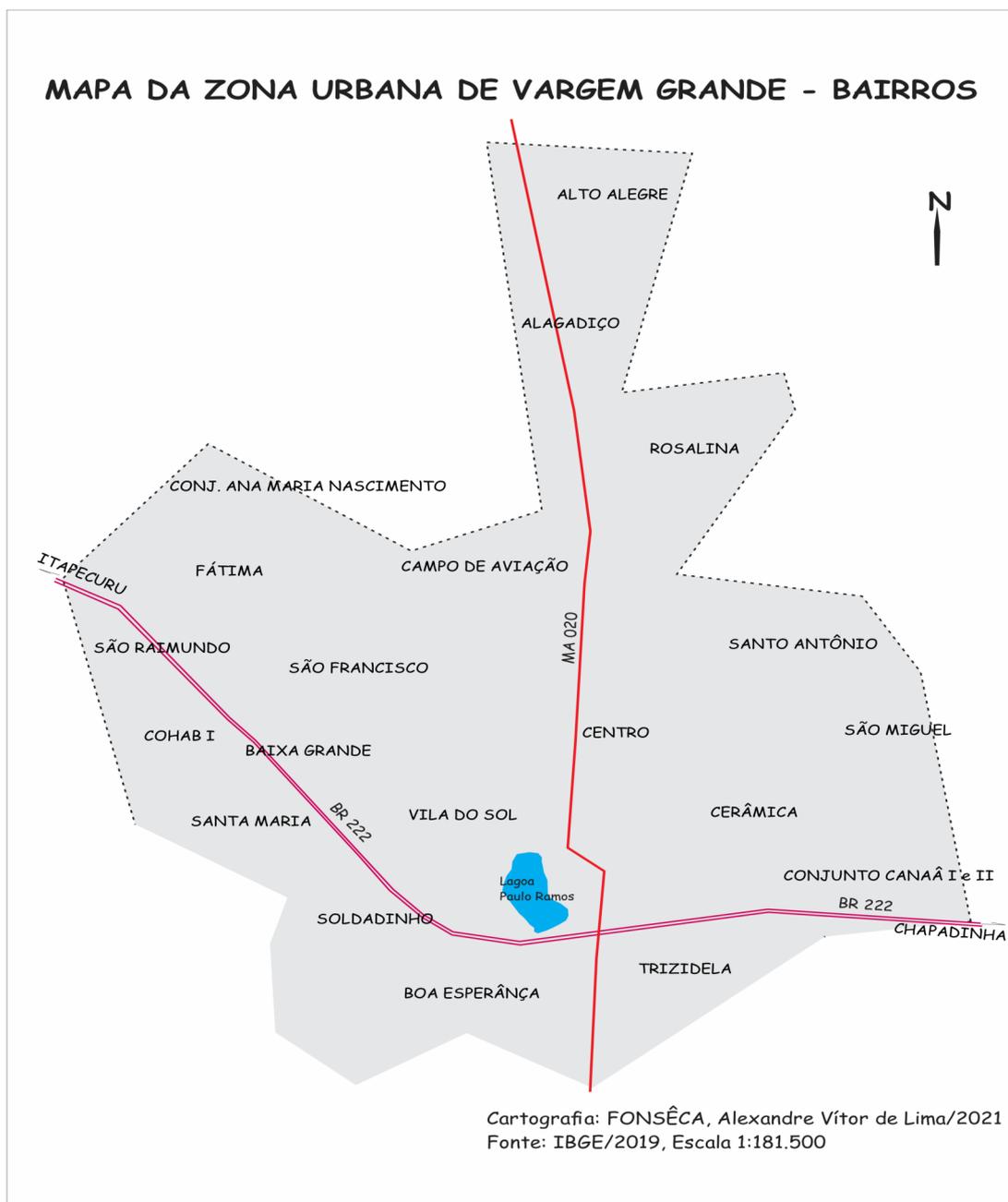
A despeito destes “novos” bairros, houve ainda um crescimento relevante daqueles bairros já existentes, que cresceram em número de habitantes no período estudado, destes podemos citar os bairros Alto Alegre, Nossa Senhora de Fátima, São Francisco, Rosalina. São bairros que, diante do movimento de sujeitos para a cidade a partir dos anos de 1980 mais cresceram em número de novas moradias. Estes bairros, bem como os demais que formam a cidade podem ser observados no mapa (figura 3).

O mapa (figura 3) mostra um panorama geral da configuração espacial dos bairros e sua distribuição nas dimensões urbanas do município, constituindo-se de vinte bairros com destaque para a MA 020 e a BR 222 que cortam a cidade nos sentidos norte e sul, leste e oeste, respectivamente.

Face a essa dinâmica, a cidade de Vargem Grande vivenciou nas últimas décadas, grandes transformações em sua configuração no que se refere aos aspectos espaciais, econômicos e sociais, de modo a despertar nos entrevistados uma percepção desse processo a partir de suas experiências de existências neste município. As visões sobre a cidade perpassam

por essas transformações e pautam as narrativas dos seus habitantes, destacando em muitos momentos como esta “cresceu”.

Figura 3 - Mapa da zona urbana de Vargem Grande – bairros



Fonte: Mapa elaborado pelo Prof. Dr. Alexandre Vítor de Lima Fonsêca a pedido da autora (2021).

O que isso de fato significa é uma expansão do quantitativo populacional, e consequentemente do número de habitações em suas imediações, incidindo no alargamento de bairros, influenciando um desenvolvimento de certos setores da economia e da sociedade, de modo a garantir o mínimo para atender a tais populações.

Diante da visão acerca da cidade que perpassam pela narrativa dos sujeitos entrevistados, nota-se comumente suas constantes subjetividades, que para Pesavento (1995, p.9) em seu trabalho sobre as visões literárias do urbano, assinala que “a cidade é objeto de múltiplos discursos e olhares, que não se hierarquizam, mas que se justapõem, compõem ou se contradizem, sem, por isso, serem uns mais verdadeiros ou importantes que os outros.”.

A análise da dinâmica da cidade por meio de relatos sobre histórias de vida, permite-nos uma compreensão acerca desse processo de percepções diversas, em que a multiplicidade de olhares e discursos incitam reflexões para além do que está posto. Ao dar voz àqueles que vivenciaram de forma ativa toda a dinâmica populacional no período em estudo, permite-nos perceber nuances da organização social que incentivou o conjunto de ações populares, governamentais e religiosas em prol de melhorias em vários setores da vida na cidade.

Dentre estas, encontram-se associações de bairros e políticas de engajamento dos sujeitos por meio de discussões coletivas, bem como conflitos pontuais que, em determinados momentos foram relevantes para tomadas de decisões em prol de melhorias para a população, notoriamente a ação de indivíduos politizados foi consideravelmente determinante para incitar transformações no âmbito destes espaços e nas relações que se estabelecem.

A partir da formação de comunidades nos bairros, da construção de creches, da organização de associações populares verificados concomitante ao processo de expansão, nota-se por meio das narrativas, diferentes aspectos se relevando na cidade por meio das relações estabelecidas por estes atores sociais. Neste sentido, cabe salientar o que Ferreira e Amado (2006) destacam já na apresentação do seu trabalho sobre ‘Usos e Abusos da História Oral’,

A história do tempo presente contribui particularmente para o entendimento das relações entre a ação voluntária, a consciência dos homens e os constrangimentos desconhecidos que a encerram e a limitam. Melhor dizendo, ela permite perceber com maior clareza e articulação entre, de um lado, as percepções e as representações dos atores, e, de o outro, as determinações e interdependências que tecem os laços sociais. Trata-se, portanto, de um lugar privilegiado para uma reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de mesma formação social. E nos parece óbvia a contribuição da História oral para atingir esses objetivos. (FERREIRA; AMADO, 2006, XXIV)

Frente aos aspectos levantados, as autoras destacam a relevância da História do tempo presente para pensar essas relações a partir das narrativas de diferentes atores, no caso específico de Vargem Grande, essas questões são analisadas a partir das histórias de vida de diversos sujeitos que, por mais que sejam únicos em sua individualidade, apresentam algumas características em comum, favorecendo a compreensão acerca dos fatores que contribuíram para a expansão da cidade.

Prins (2011, p.194) destaca que a "História oral é a que melhor reconstrói os particulares triviais das vidas das pessoas comuns para aqueles que desejam realizar isso.". A simplicidade demonstrada na fala dos sujeitos entrevistados apresenta riquezas que somente a partir da oralidade podemos nos apropriarmos, ainda que aparentemente pareçam triviais, aspectos da experiência de vida são revelados, sendo que, através da rememoração se pode visitar de forma muito suave essas experiências que de outra maneira não seria possível.

Nesta perspectiva, nuances da vida, experiências vividas e presenciadas são destacadas em referência à produção do espaço da cidade, olhares e percepções individuais que se complementam entre si formando um todo coletivo característico deste período. De forma que, ao falar sobre o quanto percebeu a expansão a Sra. Raimunda, uma parteira residente no bairro Alagadiço, ao se referir ao seu entorno, destaca que,

Aumentou, ave Maria! Aumentou muita gente, tudo, a maioria quase tudo são meus compadres. Dos mais velhos quase tudo são meus compadres. Eu não sei, foi chegando, foi chegando, foi chegando, foi chegando e aí táí, cheio de gente. E bonito não tá!? Bonito demais. E aí a maioria deles quase tudo são meus compadres, rapaz e moça e menina chegando e menino chegando, tudo filho de pegação⁷. [...]. É que nem aí as Preguiças⁸, que jeito não ficou, o Alto Alegre, tu já foi lá? Num está lindo, bonito, bonito e isso daí que era tudo mato, ta tudo debaixo de casa, mulher! Tudo bacana, bacana mesmo, eu gostei.⁹

Dona Raimunda expressa em sua narrativa o quanto percebe mudanças no cenário da cidade ao longo dos tempos, fazendo uma análise a partir do seu bairro, bem como daquele mais próximo, Alto Alegre (Preguiças), a mesma afirma que era tudo mato, nas proximidades daquela região que abrange os dois bairros. Os laços de compadrio foram se formando a partir da realização de partos daquelas novas residentes que foram chegando na região, vindos, geralmente, assim como D. Raimunda dos "interiores", segundo ela, é madrinha de quase todos as moças e rapazes nas "redondezas".

Este aspecto de compadrio e vizinhança é analisado por Lima (2008) em seu estudo que analisa o rural e o urbano na cidade de Imperatriz, afirmando que geralmente esses laços formados por aqueles à sua volta, são acionados quando necessário, assim para D. Raimunda,

Eu não fico eu só. Porque quando meu filho sai e meus netos, mas os outros netos de pegação estão aqui de vez em quando. Mãe Raimunda pra aqui, é mãe Raimunda para acolá. Chega um faz uma coisa, chega outro faz outra.

⁷ "Filho de pegação" são as crianças que nasceram de partos realizados por D. Raimunda, que é parteira, como já mencionado.

⁸ Preguiças é o nome pelo qual era conhecido o bairro atualmente denominado Alto Alegre.

⁹ Entrevista concedida por SILVA, Raimunda Viana Sousa. **Entrevista II** [24 set. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (47min)

*Um agoa planta pra mim, outro varre terreiro. Quando eu não posso coisar, eles vêm. Se eu tenho uma coisa pra fazer, eles vem me ajudar a fazer. E diz, deixa está mãe Raimunda que nós faz. Então pra mim é uma vantagem, né! Muito boa, gosto muito.*¹⁰

D. Raimunda, na sua história traz muitas lembranças sobre seu trabalho de parteira, que atualmente não desenvolve mais, pois suas condições físicas não lhe permitem, no entanto, afirma ter feito mais de 500 partos desde que iniciou esta prática aos 13 anos de idade. As relações estabelecidas, neste caso, de compadrio lhes favorecem uma constante ajuda nos momentos mais “necessitados”. Esta rede de relações é discutida adiante.

Cabe destacar ainda a fala de D. Dora quando demonstra sua animação ao falar sobre a expansão do bairro Alto Alegre, a mesma narra que,

*[...]já eu me casei e vim embora aqui pra esse lugar chamado Preguiças, que hoje não mais Preguiças que ninguém chama aqui minha cidade de Preguiça, agora é Alto Alegre (risos) porque a nossa cidade agora tá bonita... O Alto Alegre vai virar cidade, porque já estão fazendo casas até dentro do Alagadiço, é...ó, do Alagadiço pra cá já aumentou muito... E esse tempo minha filha, que nós tinha aqui era umas pessoas que moravam aqui, que era só os filhos do compadre Joaquim, era o Raimundo, finado José, Isabel, Tunica, comadre Tunica aqui e a comadre Cota que morava bem pra acolá pra detrás... Minha filha, aqui aumentou demais, pra ali pra dentro desse terreno do Zequinha Bezerra que ele loteou, tem muita gente. Você pode entrar, tem duas entradas de rua, você já botou repara desse lado? Pois pra ali tudo é casa, aquelas entradas, é só gente que mora pra ali...muita gente.*¹¹

O fato dela afirmar que seu bairro está uma cidade, é por ter presenciado este com tão poucos moradores como destacou, e perceber posteriormente, esse crescimento que foi acompanhando ao longo do tempo no bairro.

A ênfase dada ao aumento reflete aspectos da vida nos bairros que foram se espraiando e tendo seus limites confundidos, é o caso destes dois bairros Alto Alegre e Alagadiço, pois nas décadas de 1980 e 1990, a quantidade de residências definia exatamente onde terminava um e iniciava o outro, no entanto, essas definições foram se confundindo, ao passo em que as construções passaram a se aproximar cada vez mais num constante processo de expansão que faz parte de todas as falas dos entrevistados nesta pesquisa.

Outrossim, D. Bibi, nos relata sobre o bairro Alagadiço, em que reside desde a década de 1980, quando ao casar no interior do município, veio residir na cidade “*quando eu cheguei aqui no nosso bairro tinha uns 5 moradores aqui no Alagadiço, era...tinha uns 5 moradores.*

¹⁰ Entrevista concedida por SILVA, Raimunda Viana Sousa. **Entrevista II** [24 set. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (47min)

¹¹ Entrevista concedida por MELO, Maria das Dores Paiva. **Entrevista VI** [18 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (34min)

Hoje tá um bairro bem elevado, com tanta casa bonita. O Alto Alegre só era mesmo aquelas pessoas mais velhas, né!”¹². O destaque é semelhante nas falas de D. Bibi, D. Raimunda e D. Dora, em que todas relatam sua visão do quão grande percebem estes bairros. Suas experiências durante esse processo nos permitem analisar fatores de sua vida social que se expressam de forma diversa, pois, segundo Voldman (2006, p. 38-39)

Nem todos viveram sua adolescência e sua maturidade nas mesmas condições sociais e políticas, e os velhos tempos, embora tenham igualmente passado, não são os mesmos para todo mundo. Do ponto de vista do que há de mais singular em cada indivíduo, nenhuma testemunha se assemelha à outra; também no plano social o leque é muito rico.

As diferenças apresentadas pela autora são marcantes nos sujeitos entrevistados nesta pesquisa, mostrando que cada um traz seu repertório de vida diferente e que possuem uma história única, ainda que alguns aspectos de suas narrativas apresentem algo em comum, como fora apontado.

Enquanto percebem essa dinâmica de crescimento dos bairros e conseqüentemente da cidade, essas mulheres viviam suas vidas de formas distintas. Enquanto D. Bibi era professora, desenvolvia atividades de ensino para crianças de ambos os bairros, empregada pela prefeitura municipal, D. Raimunda desenvolvia atividade voltada para as parturientes da região e D. Dora tentava sobreviver a partir de atividades como quebra do coco e roça realizadas nas áreas de mata próximas ao bairro. Esta última, ao compartilhar sua experiência, afirma que,

*Minha filha nossa vida aqui era na roça e no coco, era coco, roça, caieira, eu fazia caieira na beira do rio mais essa Nazaré, que nós pagava o finado Zacarias pra botar pra nós, Ah! minha filha vinha era de carroça (risos) as carradas...aí nós ia vendendo as latinhas pra comprar um lápis, comprar um cabresto de japonesa, era vida boa, naquele tempo era, agora que tá mais ruim que é muito ladrão, muita coisa ao redor da gente (risos) mas nesse tempo era bom demais, tu acha que eu penso, que nesse tempo que eu criei meus filhos era muito mais melhor de que agora, porque não tinha esse erro que tá tendo, porque erro tem muito, porque acontece matando mãe, mata a mãe junto com os filhos.*¹³

E acrescenta,

Minha filha, aqui teve uma crise, pra mim, muitas pessoas não passavam como eu passava não, eu não passei vida boa também demais assim não, só basta que a gente teve um ano que o arroz foi pouco aí se acabou o arroz, não

¹² Entrevista concedida por BEZERRA, Maria Brígida Almeida Silva. **Entrevista V** [3 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (38min)

¹³ Entrevista concedida por MELO, Maria das Dores Paiva. **Entrevista VI** [18 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (34min)

*tinha farinha, aí eu ia quebrar coco e aí quando eu vinha de lá eu já trazia era palmito pra cozinhar com leite de coco pra meus filhos comer.*¹⁴

Nota-se, as contradições em sua fala, próprias da oralidade, da rememoração, que aparecem enquanto uma nostalgia aos tempos passados, ainda que esses tempos passados sejam apresentados com explícita dificuldade de sobrevivência, como apontado em sua narrativa. A esse respeito, Ferreira (2015, p.171) observa que “os atos narrativos produzem textos nos quais as representações e interpretações nem sempre dispõem de coerência e homogeneidade. Como as memórias sociais, as memórias individuais podem apresentar-se de modo fragmentado e mesmo, contraditório.”. Pois, ainda segundo a autora, as narrativas tendem a apresentar esses aspectos, pois rememorar implica “escolhas, restrições, esquecimentos, interdições, silêncios” (p.175).

Reforça-se assim, a necessidade de observarmos os indícios em suas narrativas, seus gestos e pausas dizem muito, e neste momento em que D. Dora falava sobre como fazia para manter a alimentação dos filhos, ela por alguns momentos ficava reflexiva, ainda que afirma posteriormente que viveu uma vida boa, apresentando contradições, ora diz que melhor era “naquele tempo”, ora diz que atualmente é que vive bem. De forma que, esses aspectos da fala dos sujeitos refletem suas subjetividades e percepções acerca do mundo que os cerca. Assim, para Cruikshank (2006, p. 156),

Os relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da história oral: fatos pinçados aqui e ali nas histórias de vida dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, processado e integrado à vida de uma pessoa.

Para a História oral, as experiências subjetivas são relevantes para dar conta de toda a complexidade que está implicada nas narrativas, pois para além dos discursos diretos que podemos perceber facilmente suas intenções, há aqueles que se apresentam de forma implícita e por vezes até parecendo destituída de sentido num todo formado pela narrativa. De forma que, a construção do passado intercalando as suas glórias e infortúnios numa temporalidade oscilante demonstram as condições de produção da narrativa que integram a vida desses sujeitos. Sobre as subjetividades, Ferreira (2015, p. 146) considera que,

A história oral viabiliza o acesso à subjetividade do vivido, posto que a narrativa não congela a experiência passada. Por ser uma reconstrução provocada a posteriori e uma representação, vai além do vivido,

¹⁴ Entrevista concedida por MELO, Maria das Dores Paiva. **Entrevista VI** [18 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (34min)

sistematizando-o e dotando-o de sentido no ato de transformação da memória em narrativa.

Dessa forma, a reconstrução dos fatos, a partir das subjetividades, permite um olhar atento e cauteloso do historiador diante das expressões desses sujeitos, um exercício que está para além do que visualmente se apresenta no ato da fala. Cabe, portanto, notar esses condicionantes.

Para Ferreira (2015), os relatos de memória não são fielmente a vida dos sujeitos, tal qual aconteceu, mas antes uma reconstrução de si a partir dos aspectos vivenciados em determinados momentos de suas vidas, de modo que, sendo consciente ou inconsciente, os sujeitos estabelecem identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Diante disso, D. Nazaré rememora a cidade e enfatiza,

Aqui essa rua, quando eu cheguei aqui, ali na outra casinha veia, que eu dei pra minha filha, era aqui, não tinha rua não senhora, era só mato, e os morador era só o Miranda e a Dona Rita que já tinha aquela casinha ali e a minha aqui que eu comprei do finado ... Nego de Carmo, da Libertina. E era só nós mesmo. [...] menina pra cá era só unha de gata¹⁵, mato não, unha de gata, praí tudo era só unha de gata, ai pra riba do morro era unha de gata e pedra, hoje os meninos disse Sra. aqui só tem casa, eu fui na casa da Luciane mais a Nice, menino fomos acolá por aqui, menino só tem casa e é casa boa, eu digo oia como acontece as coisas que aqui de primeiro não podia nem, que era só carrasco véi, é!¹⁶

O nível de admiração demonstrado por D. Nazaré ao relacionar o espaço de seu bairro ao ‘chegar aqui’ nos anos 1980 com o que vem acompanhando nos últimos tempos, enfatiza a condição de muito inabitado essa área que viria a se tornar sua moradia, apontando neste sentido, para a expansão da cidade em fins do século XX e nos primeiros anos do século XXI, em decorrência notadamente de grandes levadas populacionais advindas do campo para estes bairros situados mais nas extremidades da cidade.

As transformações, no âmbito da cidade, notadas por seus habitantes como observadas na fala de D. Nazaré viabilizam a compreensão desta, enquanto espaço de sociabilidades e neste contexto cabe discutir esses aspectos a partir da história vista de baixo que traz à tona estes atores invisibilizados historicamente.

¹⁵ Unha-de-gata aqui chamada por D. Nazaré é uma espécie de planta do bioma do sertão (unha-de-gato) o nome se deve aos espinhos encontrados ao longo de toda a planta que se assemelham às unhas de gato, que ao tocar a pele causam arranhões. O nome científico desta planta é *uncaria tomentosa*.

¹⁶ Entrevista concedida por ARAÚJO, Maria de Nazaré. **Entrevista IX** [8 fev. 2021] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2021. Arquivo MPEG-4 (33min)

2.3 Vargem Grande vista de baixo: dimensões da cidade como espaço de sociabilidade

Ao pensarmos a cidade de Vargem Grande, inserindo-a nessa nova discussão historiográfica de uma “história vista de baixo”, notamos que a vida em sociedade nestes espaços condiciona-se enquanto constitutivo de sociabilidades que representa uma alternativa à escrita da história, entendendo que acontecimentos sociais ou individuais podem proporcionar bases para uma compreensão mais profunda de dada sociedade (SHARPE, 2011, p.58). O reconhecimento da realidade de Vargem Grande, dando visibilidade às vivências populares, leva-nos a conceber o papel subversivo dessa narrativa, uma vez que

Aqueles que escrevem a história vista de baixo não apenas proporcionaram um campo de trabalho que nos permite conhecer mais sobre o passado, também tornaram claro que existe muito mais, que grande parte de seus segredos, que poderiam ser conhecidos, ainda estão encobertos por evidências inexploradas. (SHARPE, 2011, p.52)

Esse afloramento da história dos sujeitos, outrora desconhecido pela historiografia, faz-se oportuno no âmbito da discussão aqui pretendida, uma vez que traz à tona protagonismos inexplorados como é o caso das mulheres que fizeram parte de diversos momentos da construção da cidade, sendo figuras extremamente importantes nessa conjuntura cidadina, as quais são destacadas nas próximas páginas.

2.3.1 “O bairro foi crescendo”: memórias de protagonismos femininos

Sendo a cidade alvo de diversas “visões” sobre sua organização e expansão, notamos o quanto os bairros são dinâmicos neste processo, uma vez que para Lima (2008), as relações que se estabelecem nos bairros são mais fortes, tendo muitos motivos para que estas possam ser mais próximas, pois é onde as pessoas se encontram e passam a discutir todos os problemas que lhes são comuns.

A partir dessas questões comuns, se destaca a fala da Sra. Francisca Braz (mulher que se declara parda, viúva e mãe de 5 filhos) que inicialmente apresenta características de como percebia a cidade, a partir do seu bairro, atualmente denominado bairro da Cerâmica, à época parte do então bairro São Miguel, segundo ela o bairro,

Tava crescendo, a tendência era crescer, aí nisso chegando mais moradores! É porque todo mundo que ia chegando, todo mundo já tava querendo morar aqui no bairro, por causa dessa organização que já tava e aí o bairro foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo e nada de energia ainda não tinha e aí a gente sempre fazendo as fogueiras para se reunir e juntando todo esse povo que já estava aí eu dizia pras pessoas, nesse tempo as pessoas não tinha

*documentos, que São Luis era bem aí, que nós precisava se organizar, que os trabalhadores trabalhavam demais e não tinha apoio, não tinha nada.*¹⁷

O destaque dado pela Sra. Francisca à questão da energia elétrica aponta para a fragilidade da oferta dos serviços de atendimento básico à população, especialmente aos que moravam distantes do “centro” da cidade. A mesma completa que essas dificuldades foram se “resolvendo” a partir de lutas dos moradores pela melhoria nas condições de moradia, água e luz de seu bairro,

*A cidade começou a se desenvolver bem, e os bairros também [...] é uma cidade que de primeiro a energia quando dava 10h não tinha mais, né! Não tinha mais energia, ali na frente da igreja que só era piçarra, e agora não, é uma igreja bonita, tem uma praça bonita, não é!? Então, tudo se desenvolveu muito bem. [...] tem um trabalho que foi feito também pelo próprio povo, tá entendendo!? Pelo próprio povo e alguns prefeitos que olham.*¹⁸

A ênfase dada ao processo de crescimento se dá a partir do sentimento de pertencimento da mesma, pois segundo Sra. Francisca a sua constante inserção política no sentido lato do termo, enquanto participante ativa de sua rede de relações no bairro em que residia e ainda reside atualmente, foram relevantes para que a expansão se desse de forma mais completa para todos, uma vez que as condições melhores de existência só se davam aos mais abastados da cidade, enquanto a população dos bairros sofria demasiadamente pela ausência de atendimento aos serviços básicos.

*Não tinha nada aqui no bairro, não tinha energia, não tinha nada, vumbora inventar uma quadrilha que era pra poder juntar as pessoas, né! aí o que que a gente fazia, fazia um fogo, fazia uma fogueira bem grandona, com um fogo bem alto, que era pra poder a gente fazer os ensaios na claridade, isso tinha gente, mas isso tinha gente demais, tá entendendo!? [...]. Era pessoal que passava todo mundo, que a notícia ia se espalhando, quem não estava infiltrado em nada, todo mundo queria vir pra cá, num sabe! E aí nós “roubava” energia lá da outra rua, tinha vez que nós pegava energia lá da outra rua, no dia que era para apresentar a quadrilha, mermã, mas essa quadrilha era grande! Fazia festa, tá entendendo!? À luz da lamparina (risos) pra juntar dinheiro, viu!*¹⁹

A Sra. Francisca fora por muito tempo umas das grandes líderes do bairro - e que, ainda nos dias atuais é uma figura muito respeitada por sua longa história de atuação social na cidade - desenvolvendo projetos de inserção de mulheres na sociedade, bem como outros projetos sociais, pois de acordo com ela, “*Existia muitos cabarés aqui na Vargem Grande e nesse tempo*

¹⁷ Entrevista concedida por CARVALHO, Francisca das Chagas Braz de. **Entrevista VII** [23 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (1h17min)

¹⁸ *Idem.*

¹⁹ *Idem.*

as mulheres que não tinham marido eram excluídas, excluída mesmo, não podiam nem morar na rua nem perto das famílias, né! Eram separadas por completo.”.

Esse projeto denominado Ninho surge em Vargem Grande em 1985 e a partir de discussões, assembleias nacionais e estaduais tornou-se uma pastoral, se intitulando a partir de então como a pastoral da mulher marginalizada em 1989, responsável por acolher e acompanhar as mulheres, oferecendo-lhes “abrigo emocional”, o mesmo era desenvolvido por D. Francisca, exclusivamente como ela destaca com “*as mulheres da vida, prostitutas, né!*” Que segundo D. Francisca era um trabalho que lhe foi designado pelo padre da paróquia na ocasião, o padre Mamede que a mandou chamar e ofereceu-lhe essa tarefa, a qual para D. Francisca lhe foi muito difícil aceitar, e relata sua relutância no primeiro momento, destacando os motivos pelos quais tinha receio em desenvolver a tarefa,

Aí, as mulheres moravam mesmo era nos cabarés, não sabe! Aí eu fiquei assim, digo não padre! Eu não quero não porque eu tenho medo, não, mas você vai assumir isso aí. Digo não mas eu tenho medo delas porque o pessoal mais velhos falavam muito do jeito que eram as mulheres, num é! Que viviam nos cabarés, não padre, eu tenho medo delas, eu era nova, eu tinha nesse tempo 23 anos, aí eu cheguei em casa...pois pense! Eu cheguei em casa me olhei no espelho, tem vez que eu sorri disso aí, eu me olhei no espelho, não foi o padre quem me convidou, foi Deus, porque eu sempre fui católica, né! Foi Deus quem me convidou, eu quero ser pra elas como esse espelho que mesmo eu sendo nova se eu for fazer as coisas erradas o que que elas vão dizer de mim, não é!? Então eu quero ser como esse espelho, que era pra elas se espelhar.

Esse projeto em parceria com a igreja católica tinha por objetivo “resgatar” essas mulheres dessa vida, e inseri-las em trabalhos mais “dignos” para que pudessem viver melhor, segundo a Sra. Francisca Braz. Parte de seu diálogo com essas mulheres é relatado, apontando que,

Fui fazendo todo assim, um trabalho de cabaré em cabaré, tinha dia que eu ia fazia reunião, eu não tocava assim, você é prostituta, você não pode fazer isso, de jeito nenhum, e eu sempre dizendo que a mulher é filha de Deus, que Deus ama nós que somos templo do Espírito Santo, que a gente tem se amar, tá entendendo! Sei que eu dizia as coisas lá do jeito que Deus mandava eu falar e com as minhas palavras, de acordo com o que eu ia conversando, elas iam entendendo, tanto na cabeça quanto no coração.²⁰

Pontuar essa questão, faz-se necessário, uma vez que a partir desse trabalho da Sra. Francisca, influenciou na expansão do bairro a partir de muitas dessas mulheres que foram saindo dos cabarés, bem como outros sujeitos que foram se estabelecendo nas dependências do

²⁰ Entrevista concedida por CARVALHO, Francisca das Chagas Braz de. **Entrevista VII** [23 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (1h17min)

bairro em que ela residia, montando estruturas familiares, trabalhando de domésticas, costureiras e participando da organização dos moradores do referido bairro.

O fato de D. Francisca falar desse trabalho dessas mulheres, afirmando que não verbalizava a elas que elas eram prostitutas, já aponta para o entendimento de que esse trabalho poderia envergonhá-las, porém nos seus discursos para com estas mulheres, nas entrelinhas deixava subentendido que Deus não gostava daquela vida que levavam, nos levando a uma compreensão que, historicamente foi desenvolvida nas sociedades uma aversão social acerca desse trabalho, tornando-o marginalizado e pensando a partir de padrões sociais inaceitáveis.

“Os cabarés” cuja origem da palavra é espanhola (*vabaretta* ou casa de diversões), mas fora incorporado ao francês (*Cabaret* ou taverna), e que ao longo do século XX, segundo Menezes (2013) nestes países, bem como Estados Unidos e Alemanha, faziam parte de sua dinâmica cultural, visto como ambiente em que se podiam desfrutar de músicas, bebidas, danças, teatros e outras diversões.

No Brasil, esses espaços também ganham adeptos, no entanto, com um equívoco popularizado que ganhou nova visibilidade, pois ainda segundo Menezes (2013, p. 8-9),

É necessário lembrar que uma ideia corrente, popular, vai no Brasil, fazer uma associação quase automática dos cabarés com “casas de mulheres de vida fácil”. É claro que nestas casas de shows onde todos se encontravam a paquera podia levar a um “programa” e as “moças da vida”, também, frequentavam estes lugares, mas a associação automática é errônea e enganosa.

Essa tendência a associar essas casas de diversão com “casas de mulheres de vida fácil” espalha-se pelo território nacional e em Vargem Grande passa a ser visto pela sociedade enquanto tal. D. Francisca elenca 5 ambientes em que denomina “cabaré” relacionando-o a este ambiente em que mulheres trabalham com o sexo. “*Então conheci todos os grupos dos cabarés, aí eu cheguei... porque quando a gente vai fazer um trabalho para Deus é Jesus mesmo que vai na frente, o Espírito Santo, né! Preparando, aí eu fui.*”. Segundo D. Francisca, todas as madames²¹ permitiram o seu acesso ao ambiente e o contato com as mulheres que lá trabalhavam, no entanto, teve uma que a recebeu bem, mas que não permitiu o desenvolvimento de suas reuniões com suas “funcionárias”.

D. Francisca relata que o trabalho era degradante e que as mulheres não possuíam condições de liberdade para decidir que trabalho aceitar ou qual rejeitar, relatando um episódio

²¹ As senhoras que estavam à frente dos cabarés, que operacionalizam as transações comerciais, sendo estas proprietárias dos ambientes que recebiam as mulheres que realizavam o trabalho, bem como os homens que frequentavam o ambiente em busca dos serviços ofertados, estas recebiam grande parcela dos valores pagos.

em que ao chegar no ambiente para suas costumeiras reuniões com as mulheres, ela foi surpreendida com uma cena que ficou por muito tempo em sua memória.

Me levou mais no fundo do quintal, aí lá um buracão bem grande, o que era? Um buraco, um buracão bem grande e fundo, aí olha aí pra dentro, aí que eu vi, tinha um buracão e assim tinha tipo uma sulapa né que o pessoal faz, fica aquele coisa assim de escondidente, aí assim, aí ela chamou aí era as mulher que ficava no castigo, aí ela me mostrou, você tá vendo isso aqui, disse tô. Isso aqui são as mulheres que fica no castigo, falei, mas porque que elas fica de castigo? Não precisa você perguntar, deixava que ela mesmo ia falar porque que elas ficavam daquele jeito, era porque a mulher no cabaré, ela tinha que aceitar o homem do jeito que ele quisesse, então aquela que não aceitasse do jeito que o homem quisesse, então ela ia pra aquele castigo. Aí ela não comia e nem bebia, tá entendendo!?

Ela completa que não interferiu, mas que ficou muito chocada com a situação e marcou nova data de visita. No decorrer de suas investidas, ela conta que muitas mulheres foram sentindo o desejo de deixar os espaços em que viviam, porém não tinham para onde ir e completa,

Só sei que eu comecei fazendo todo esse trabalho assim, quando pensou que não, elas mesmos foram se tocando e resolvendo não aceitar mais, mas pra onde que essas pobres iam? Não tinham para onde ir. Porque era assim, se a moça casasse e largasse o marido, a família não queria mais, então por isso que tinha o cabaré, se ela ficasse solteira também a família não queria, então quem recebia era lá o cabaré, por isso que elas viviam desse jeito, não sabe! É, por isso que chamavam as mulher marginalizada. E o preconceito da sociedade nesse tempo!?

O preconceito apontado por D. Francisca advém das percepções que se tem acerca desse trabalho, ainda que neste caso específico fora degradante para a mulher, como outras situações laborais possam se apresentar, o trabalho com o sexo imputa um tabu que ver esta mulher como fonte de pecado, um ser que erra diariamente quando do desenvolvimento desta atividade, totalmente marginalizada, um estigma que desmoraliza e leva-as a serem vistas inferiores em relação às demais mulheres na sociedade.

Para Paiva *et al.* (2020, p.209) “a prostituição foi sendo associada a dois pecados capitais, a luxúria e a preguiça. Consolidou-se a ideia de que a prostituta não gosta de trabalhar, transmitida por uma linguagem coloquial que as alcunha como ‘mulheres de vida fácil’.”. Este estigma igualmente acompanhou estas mulheres em Vargem Grande, que, muitas vezes para sobreviverem, desenvolviam este trabalho, e ainda que por prazer fosse este desenvolvido, não justifica exclusões da vida em sociedade. Ainda que seja uma profissão como qualquer outra, a mesma só foi reconhecida no Brasil a partir de 2002 e oficializada pelo estado em 2008, Paiva

et al. (2020, p.209) mesmo com alguns avanços em reconhecimento social do trabalho, permanece carregado de estigmas e preconceitos.

Neste contexto, a igreja e as associações surgem como parceiras no processo de acolhimentos destas mulheres, bem como da população de vida mais precária, notadamente aquelas residentes nos bairros periféricos em geral. Se propõe a seguir uma discussão acerca da organização desses arranjos e como esse processo de fortalecimento de ações mais humanizadas em prol da comunidade carente se intensificou e foi relevante para grandes transformações em muitos espaços da cidade.

2.3.2 Arranjos comunitários: a igreja e as associações

A organização de moradores nos bairros pela busca de benefícios coletivos foi comum entre as décadas de 1980 e 1990, pois corroborando com a fala da Sra. Francisca, segue relato de D. Noca, que também demonstra a organização do bairro, no seu caso, do bairro Rosalina em que residia e ainda permanece atualmente. Segundo D. Noca,

Em 81 começou a comunidade, dia 19 de outubro foi o primeiro encontro da comunidade, gente até da Baixa Grande, vinha gente pra cá participar. Era. Dona Gracinha, irmão Mundica, muita, muita, muita gente. Aquele pessoal ali do campo de Aviação, Chico Pequeno, a Zefinha, tudo participava. Ai, ave maria, virou uma coisa muito maravilhosa, todo mundo vinha, todo mundo, bem. [...] Depois do Trabulsi foi o Zé Pedro, que o Zé Pedro foi em 86 por aí assim que ele entrou nessa história aí e que deu o terreno pro pessoal trabalhar, através da Alice, da irmã Reginã, do Antônio Filho que se interessaram e pediram esse prefeito pra doar essa terra que era do município, né! Doar essa terra pra comunidade trabalhar. Ai, depois dessa história aí de inventarem esse negócio de trabalhar em grupo, inventaram uma associação que acabou com a comunidade. E daí foi que começou a acabar também com a vida do meu marido, foi esse negócio de associação, fazer projeto...e ele começou a ver sair dinheiro. Destruiu a vida dele. Pois é!²²

Segundo D. Noca, a tentativa de organização dos moradores de seu bairro em comunidade falhou, pois muitos não conseguiam desenvolver um trabalho em grupo, sendo que, suas ações foram se perdendo e levando ao fracasso a organização do bairro em comunidade, de forma que a coletividade foi sendo destituída dando lugar às ações individuais.

D. Noca afirma que o projeto Casulo, um importante trabalho voltado para a Educação de crianças, tornou-se a creche no bairro, uma ação que floresceu, se constituindo enquanto um aspecto da vida no bairro em que se organizava coletivamente para o desenvolvimento das

²² Entrevista concedida por SILVA, Joana de Sousa. **Entrevista III** [29 set. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (31min)

atividades, envolvendo professoras, os agentes de limpeza, em sua maioria mulheres envolvidas em ações sociais em prol de melhorias nos seus bairros. O projeto Casulo foi substituído por escola municipal após a intervenção da prefeitura a partir dos anos 2000.

Diante das questões apontadas por D. Noca e Francisca Braz, notamos a força política que alguns movimentos foram tomando em virtude da organização popular que foram se formando ao passo em que chegavam mais moradores nos bairros, bem como o envolvimento de outros bairros naqueles que iniciavam sua organização. Essa participação ativa da sociedade em movimentos sociais só foi possível, a partir dos anos de 1980 quando a abertura democrática em termos nacionais se intensificou, neste sentido, Silva (2005, p. 374) destaca que,

A participação social tem sido reafirmada no Brasil como um fundamento dos mecanismos institucionais que visam garantir a efetiva proteção social contra riscos e vulnerabilidades, assim como a vigência dos direitos sociais. Com maior ou menor sucesso, esta foi uma das importantes inovações institucionais ocorridas no Brasil pós-Constituinte.

A participação social em tomadas de decisão num âmbito local faz eco às questões macros do estado nacional, pois em decorrência das lutas por mais direitos sociais, os moradores dos bairros em Vargem Grande se organizam e desenvolvem práticas colaborativas em prol de desenvolvimento social e econômico local. Segundo a Sra. Francisca Braz “*Aí foi o tempo que as comunidades iam crescendo e os movimentos da igreja foram aumentando através das comunidades*”²³.

O crescimento das comunidades no âmbito da cidade, nos bairros, bem como a chegada de moradores do campo, teve como consequência o crescimento da cidade que foi acompanhado pela presença ativa da igreja que, sempre em busca de mais devotos, desenvolve junto a estes, práticas de grupos pastorais.

A igreja, que a partir dos anos de 1960, abre espaços de discussão para ações junto aos pobres baseada na teoria da libertação, uma corrente progressista da igreja católica que cria os movimentos das pastorais segundo critérios de percepção dos pobres e suas lutas pela vida. Assim, a igreja se constitui um segmento atuante e mobilizador que pretende levar aos pobres a igreja e conseqüentemente trazê-los a ela.

A Teologia da Libertação prega uma Igreja mais voltada à realidade social, pois considera que a construção do reino de Deus anunciada por Jesus se faz na terra, assim entendido como um reino de paz e solidariedade entre os homens, criticando então uma Igreja ritualística e descolada da realidade. (BRUM, 2018, p.419)

²³ Entrevista concedida por CARVALHO, Francisca das Chagas Braz de. **Entrevista VII** [23 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (1h17min)

Essa igreja mais próxima da realidade social vigente explica diversas ações solidárias das pastorais, formadas com o objetivo de desenvolver junto aos pobres projetos de incentivo às mobilizações populares em prol de mudanças sociais. A igreja passa a apoiar moradores de periferias na busca por melhores habitações, defender o direito à terra por populações rurais, como destaca Ignácio Brum (2018) em sua discussão acerca das favelas no Rio de Janeiro e a presença da igreja nesse movimento.

Seguindo esse novo viés, a igreja católica de posse dos preceitos da teoria da libertação, em Vargem Grande também assume posturas semelhantes no sentido de combater desigualdades sociais e interferir de forma ativa através de projetos das pastorais que acompanham as comunidades e as organizações de bairros. O projeto *ninho*, mencionado anteriormente desenvolveu-se a partir desse contexto, por iniciativa da igreja, como nos relata D. Francisca Braz “*Um dia o padre Mamede mandou me chamar que era pra mim assumir esse trabalho com as mulheres, nesse tempo o nome do grupo era ninho, era um trabalho exclusivamente com as mulheres da vida, prostitutas, né!*”.

O apoio a outros trabalhos sociais no município igualmente se destaca, como a educação ofertada em creches construídas pelos moradores sob a liderança de D. Francisca, no bairro Cerâmica, e a do bairro Rosalina com D. Noca. Essas ações da igreja, segundo Brum (2018, p. 421) apresentam um entendimento de que a cidade deve ser vista como espaço de solidariedade cristã e da vida em comunidade. Em Vargem Grande, as organizações nos bairros seguiram essa premissa incentivada pela igreja.

O desenvolvimento de ações de cunho educativo nos bairros foi presença marcante em Rosalina e Cerâmica, creches foram constituídas majoritariamente por mulheres que, ao presenciarem as dificuldades de acesso à escola por parte das crianças pequenas, passaram a lutar por este direito, que até então, não tinha a obrigatoriedade de oferta pelo poder público às crianças de até 6 anos, o que só veio a ocorrer a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB 9394/96, no entanto, a oferta desses espaços era mais voltado para a assistência a esse público, uma vez que as mães precisavam trabalhar e os filhos ficavam desassistidos. Neste sentido, a Sra. Francisca Braz afirma que,

Aí pensando nas crianças já, nos filhos das mulheres, que já estavam construindo famílias que já estavam saindo da zona²⁴, né! Mas com tudo isso, porque elas não eram casadas, as escolas não aceitavam, era um preconceito muito grande, nesse tempo a igreja também não batizava os meninos, das filhas, das mulheres da vida. [...] aí eu disse que tinha muita vontade de botar

²⁴ Zona significa neste contexto de fala, o espaço em que mulheres trabalhavam como profissionais do sexo.

*uma creche, botar um lugar pra botar esses meninos pra estudarem, que aqui não existia creche. Ai lá vai eu lutar por uma creche.*²⁵

A Sra. Francisca reafirma assim, as suas investidas em favor do desenvolvimento do bairro e conseqüentemente da organização para atender às suas crianças, de modo a acolher as mães, em sua maioria, oriundas da “zona”, aquelas mesmas mulheres citadas por ela que viviam em “cabarés” da cidade. Desta forma, a compreensão a partir desse viés de participação social em demandas locais, no sentido de oferta de creche, de cunho assistencialista, perpassa por uma discussão mais ampla, pois segundo Souza (2014, p. 2)

No Brasil, as primeiras tentativas de organização de creche e orfanatos surgiram com o caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. Muitos foram os elementos que contribuíram para o surgimento dessas instituições, alguns desses foram as iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados que, apesar do apoio da alta sociedade, tinham como finalidade esconder a vergonha da mãe solteira.

Essa perspectiva de apoio às mães que trabalhavam e não tinham com quem deixar as crianças, foi a motivação para o surgimento de creches de cunho assistencialista, sem um caráter rigidamente pedagógico nos bairros da cidade, mas que marcaram positivamente a educação de muitas crianças à época, estas ações dão ênfase ao processo de expansão desta e aceleram a construção de novas moradias nos bairros.

A partir da década de 1990, quando a associação da mulher marginalizada passa a ter convênio com o governo do estado através da Secretaria de Estado de Solidariedade, Cidadania e Trabalho (SOLECIT) que conduzia políticas voltadas para integração social dos excluídos, as ações dessa associação ganharam maior fôlego no âmbito da cidade, de modo que no artigo sobre a administração pública no Maranhão, destaca o objetivo dessa secretaria,

Tendo como dever interativo desenvolver ações eficientes, eficazes e efetivas, de resgate da cidadania, de redução dos níveis de pobreza absoluta das populações periféricas e interioranas, calçados no pressuposto básico da ética, de princípios e de valores na condução da política e da gestão pública. (MARANHÃO, 2015, p.214)

A SOLECIT é extinta em 1998, sendo substituída pela Gerência de Desenvolvimento Social (GDS) assumindo os projetos em andamento, incluindo nesse contexto, o da associação da mulher marginalizada em Vargem Grande. Já em 2004 a GDS para a atender pela nomenclatura que hoje conhecemos como SEDES (Secretaria de Desenvolvimento Social), o convênio continua na associação a qual permanece sendo acompanhado pela Secretaria de

²⁵ Entrevista concedida por CARVALHO, Francisca das Chagas Braz de. **Entrevista VII** [23 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (1h17min)

Assistência Social do município, a partir de 1999 até o encerramento do convênio a partir dos anos 2000.

Para além da creche de nome Menino Jesus, mantida pela associação da mulher marginalizada, auxiliando nas despesas da instituição, a mesma construída no bairro da Cerâmica, esta que tinha como figura central a Sra. Francisca. Sugiram também as creches do bairro Rosalina sob a organização da Sra. Noca e parcerias, bem como a do bairro São Miguel, sob a tutela de uma Sra. Chamada Francisquinha, que a Sra. Francisca Braz, lembra “*a gente nesse tempo era parceiro, a Dona Francisquinha, aqui ainda não tinha capela, lá já tinha capela, então a gente trabalhava juntas, eu ajudei ela fundar a creche dela lá também.*”²⁶

A associação da mulher marginalizada também apoiava além das crianças na creche, grupos de idosos no desenvolvimento de atividades que os permitissem um mínimo de dignidade, no relatório de atendimento de janeiro de 1999 apresenta um quantitativo atendido no total de 78 idosos de ambos os sexos, sendo a associação sempre gerida por grupo de mulheres, tendo à frente notadamente D. Francisca Braz.

A associação começou a declinar a partir das interferências políticas, que de acordo com D. Francisca passava a “ameaçar” a continuidade das atividades sob a jurisdição da população do bairro, pois a prefeitura desejava assumir e gerenciar o orçamento e as ações da associação. Inicialmente alegando que a Educação de crianças era responsabilidade da prefeitura, esses embates começaram nos anos 2000 e encerram no ano de 2012, quando D. Francisca recebe um comunicado da gestão municipal informando que o convênio havia passado para o município.

*E aí foi aquela confusão todinha, aí eu fiquei sem convênio, fiquei sem apoio deles, aí não tinha mais condição de trabalhar, como é, botar pessoas pra me ajudar, aí eu não tinha mais dinheiro pra comprar comida pras crianças, aí era muita gente, aí eu trouxe pra casa, as crianças, aí eu dava pras crianças, o que eu tinha, do comer que eu fazia para meus filhos, eu fazia pras crianças. Aí a história é essa.*²⁷

Após todo esse conflito entre a prefeitura e a coordenação da associação, D. Francisca afirma que ainda tentou continuar com as ações que desenvolvera durante tanto tempo, porém sem ajuda do convênio que possuía, tornou-se muito difícil contemplar as crianças, as mulheres e os idosos com os quais trabalhara.

A Creche Menino Jesus fecha as portas, as crianças passam a ser atendidas em creches municipais, mas ainda sem capacidade para atender toda a totalidade desse público. O trabalho

²⁶ Entrevista concedida por CARVALHO, Francisca das Chagas Braz de. **Entrevista VII** [23 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (1h17min)

²⁷ *Idem.*

com idosos passa a ser uma incumbência da Secretaria de Assistência Social, e quanto às mulheres, o trabalho vai sendo invisibilizado no decorrer das dificuldades enfrentadas. Porém, ainda continua ativo,

Hoje nós, eu vou de casa em casa das mulher, tem uma coordenação, eu só acompanho. [...] Ai é assim, continuo fazendo meus eventos do dia internacional da mulher, aí o apoio que eu tenho só é de uma freira que ela vem todo ano, no dia 7 de março, ela vem pra cá, aí ela vem, e o que ela sabe lá, ela ensina pra cá. É isso. Não é mais assim como era, porque é como eu tô te dizendo, na hora que as pessoas abre o olho que eles crescem, aí cada um já quer ser importante, foi assim que aconteceu aqui, só que quando eu parei de fazer as coisas aqui, ninguém nunca mais fez. Se eu tivesse continuado, aqui tava uma coisa muito bonita, porque eu tinha muitos planos pra cá, mas aí, vou cuidar agora da onde tá precisando, eu já tô velha, não posso tá mais me metendo.²⁸

As narrativas de D. Francisca demonstram a importância do papel das mulheres como criadoras e chefes de ações, sendo esse foco na sua figura, uma estratégia discursiva para dar ênfase ao seu papel enquanto mulher, que ao período, eram poucas a ter essas atitudes mais ousadas em prol de objetivos coletivos, pois suas posturas eram sempre questionadas pela sociedade, no entanto, conseguiram desenvolver espaços de acolhimento para outras mulheres no âmbito da cidade. Essa participação feminina é notoriamente observada nas atas de reuniões da associação da mulher marginalizada do bairro da Cerâmica.

A ênfase na participação social se dá pela percepção das várias estratégias populares de enfrentamento dos desafios que surgiram no âmbito do desenvolvimento dos bairros e consequentemente, da cidade de Vargem Grande no período. Notar o envolvimento de mulheres no comando destas ações se faz extremamente relevante para pensarmos o protagonismo feminino na ressignificação da cidade, na busca pela qualidade de vida dos seus pares em meio ao processo que se desenhava de expansão cidadina. Essas experiências diversas da vida na sociedade vargem-grandense, bem como dos desafios enfrentados são compartilhados e analisados à luz da historiografia no próximo capítulo.

²⁸ Entrevista concedida por CARVALHO, Francisca das Chagas Braz de. **Entrevista VII** [23 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (1h17min)

3 VARGEM GRANDE E AS ESCALAS DE EXPERIÊNCIAS

*Aqui minha filha, quando eu cheguei teve uma temporada que eu passei...
sofri muito com meus filhos, entrava aí no palmitinho com leite de coco e
comia, porque a gente não tinha mistura²⁹.*

(D. Dora)³⁰

O capítulo que segue, discute a cidade e as escalas de experiências dos sujeitos residentes no município de Vargem Grande, marcados notadamente - como percebemos na fala de D. Dora acima destacada - por experiências de luta e resistência na ressignificação da vida, esses aspectos seguidos de tantos outros são acionados nas lembranças compartilhadas. Essas lembranças, comumente dolorosas mostram como a “vida não é fácil” para a parcela populacional mais invisibilizada da sociedade, a classe trabalhadora e pobre do município, estes que vivem e sobrevivem mediante suas labutas diárias.

Analisamos ainda, a “atratividade” da cidade por populações circunvizinhas, especialmente por pessoas residentes nas áreas rurais, levando em consideração os indicadores sociais para o município, fato que suscita um estranhamento acerca dessa aparente atratividade, o que nos leva a considerar outras possibilidades para essa movimentação nestes espaços.

Essa migração é discutida sob a perspectiva de que a mesma traz à luz “faces invisibilizadas” da realidade vargem-grandense que, inserida num contexto maior da historicidade maranhense carrega em seu espaço condicionantes da vida no campo que “expulsa³¹” os seus moradores e os impulsionam a “escolher” a cidade como ponto de abrigo e mudança de vida. Essas questões levantadas fomentam a discussão acerca do que pode ser de fato determinante nesse momento da história local, a atratividade da cidade com todos os seus imaginários ou a precariedade no campo, ou ambos em articulação impulsionaram esse processo que resultou na busca pela cidade “como espaço para reinventar a vida”.

²⁹ Mistura é um termo utilizado por ela e por grande parte da população de Vargem Grande, especialmente as de origem humilde, para se referir ao alimento que é usado para o almoço junto ao arroz (modo de se pensar as refeições, típica da região).

³⁰ MELO, Maria das Dores Paiva. **Entrevista VI** [18 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (34min).

³¹ O conceito de expulsão utilizado na pesquisa parte daquele discutido por Sassen (2016) que, apesar de ser empregado para analisar realidades em um nível global, de modo a caracterizar questões amplamente visibilizadas, pode-se de modo comparativo utilizá-lo para pensar a realidade presente neste estudo, pois de forma similar as expulsões discutidas por Sassen refere-se aos modos de conceber o sistema vigente que mantém as desigualdades sociais e as amplificam em suas estruturas, gerando um excedente populacional nas periferias das cidades, vivendo sob condições extremas de pobreza. Esses fenômenos condicionam os sujeitos a relações cada vez mais exploratórias, cruéis e violentas. As expulsões, estão apresentadas para além do sentido físico, em que muitos trabalhadores são obrigados a deixar os espaços rurais, são igualmente simbólicos, no sentido de expulsão “de um espaço de vida”. As expulsões de pequenos agricultores mostram-se degradantes, destituindo de sentido a cidadania destes povos.

3.1 A cidade e as experiências de vida

As diversas experiências que foram compartilhadas por sujeitos residentes na cidade, bem como no “interior” do município, nos apresentam uma construção dos aspectos relativos aos sujeitos e suas vivências num dinamismo social permeado por conflitos e mobilidades que condicionam as relações. De acordo com Ferreira e Amado (2006) na apresentação do livro Usos e Abusos da História Oral, “o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo, que a História é sempre construção”. A elaboração de uma narrativa a partir da individualidade dos sujeitos, que em muitos momentos de seus relatos também mesclam aspectos da vida coletiva, se caracteriza por uma construção baseada na rememoração construída pelos sujeitos foco da pesquisa.

De posse desse conceito de objeto histórico, o compartilhamento dessas experiências por meio das fontes orais, nos coloca diante de uma discussão pautada nos “regimes de historicidade” presente nos relatos, termo que segundo Hartog (2013, p. 29) está ligado às relações dos homens com o tempo, focando as “formas de experiência no tempo, aqui e lá, hoje e ontem” e como estes se relacionam e se apresentam a partir de suas experiências no tempo.

Neste sentido, as diferentes falas revelam uma diversidade dessas relações dos sujeitos com os seus “tempos” representando suas histórias de vida por meio das narrativas construídas, que em muitos casos, não levam em consideração uma linearidade temporal. Por muitas vezes utilizam fenômenos políticos de um quadro geral do município para rememorem acontecimentos individuais que coincidiram no mesmo período vivenciado, destacando em muitos momentos as dificuldades que a vida impõe àqueles que pouco ou nada tem em termos materiais e financeiros, fato discutido adiante.

3.1.1 “A vida não é fácil, minha filha”

Para construirmos uma leitura do cenário vargem-grandense, a partir dos acontecimentos da vida destes sujeitos, é necessário problematizá-los e inseri-los num contexto de construção social ligado às estruturas estabelecidas pelos diversos momentos históricos nos quais estes se movem em suas esferas particulares de existência. A partir daí, cabe destacar o dinamismo no qual estiveram inseridos os entrevistados, pois os mesmos relatam momentos específicos de suas vidas, bem como expõem seus pontos de vista sobre determinados fenômenos sociais nos quais presenciaram e estiveram de certa forma inseridos em meio às suas investidas em melhorias de condições de vida.

Desta forma, a Sra. Maria das Dores Paiva Melo, faz um relato impressionante e diferente dos demais entrevistados, por ser a única a ter naturalidade cearense, ela nos conta sobre sua experiência de vida, na qual ainda criança, presenciou as dificuldades encontradas por sua mãe para trazê-los, ela e seus irmãos, para o Maranhão.

D. Dora, como é popularmente conhecida, conta que se estabeleceu nos primeiros anos num povoado chamado Cachimbo, na década de 1960, e que anos depois em mudou para o bairro Preguiças (hoje Alto Alegre) ela relata que “*nós viajamos pra cá em cima de uma carrada de coco da praia, viemos até no Codó, lá o carro ficou e nós peguemos o trem e viemos até Teresina, de Teresina pra cá, nós já viemos noutros carros velhos cargueiros*”.³² Explicando porque saíram do Ceará e vieram para o Maranhão, a mesma continua,

*Porque teve uma seca lá muito grande [1958], não tinha nada pra gente comer, nós comia era farinha de pipoca com feijão maduro que nós plantava dentro do rio, aí a mamãe mandava comprar esse milho porque não achava farinha, não tinha mandioca, pra fazer farinha. Aí, ela comprava o milho na feira lá, uma medida, que nesse tempo era caixãozinho assim, chamavam medida. “Não, eu só quero uma medida!” aí enfia ali e botava dentro de um saco e a gente levava. Chega lá você sacudia ia torrar ela, socar no pilão, peneirar numa peneirinha pra fazer a farinha pra você botar no feijão pra poder comer pra não morrer de fome.*³³

Essa experiência compartilhada aponta para as dificuldades encontradas em outros momentos da sua vida, antes mesmo de se tornar residente do município de Vargem Grande. No entanto, outras questões são explícitas em sua fala que, não será analisado nesta pesquisa, mas que, no entanto, por fazer parte de sua experiência anterior e que a influencia, mencioná-la não foge às questões discutidas nessa narrativa.

Outra experiência de vida que aponta também que “a vida não é fácil” nos é compartilhada por Raimunda Viana Sousa Silva, uma parteira, residente no bairro Alagadiço, mas que relata sua jornada até chegar a fixar moradia neste espaço no ano 2000, neste sentido, ela relata que

Nasci em Ponte Nova, aí de lá viemos para a Lagoa Amarela. Ponte Nova [município de Chapadinha] aí de Lagoa Amarela nós viemos simhora para bom Jardim dos Britos, aí do bom Jardim dos Britos, nós tivemos... eu sofri muito lá, trabalhando mais minha mãe, minhas irmãs. Meu pai adoeceu aí entremos só nós mulher pra romper³⁴. Bom jardim dos Britos aqui, para cá de Cafofá [nome popular do município de Presidente Vargas] Campo Comprido.

³² Entrevista concedida por MELO, Maria das Dores Paiva. **Entrevista VI** [18 out. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (34min)

³³ *Idem.*

³⁴ “Entrar pra romper” expressão utilizada para enfatizar que ela, sua mãe e suas irmãs tiveram que assumir as responsabilidades por sua sobrevivência, trabalhando e sofrendo, mas destacando seus protagonismos enquanto agentes de suas próprias vidas.

*Aí de lá nós vínhamos simbora aqui pra Piranhengo, aí no Piranhengo, eu me casei, né! Aí fui sofrer, viver uma vida sofrida, sofrida mesmo, vida, sabe como é sofrer!? Apanhar, ser massacrada do marido, viu! Eu fui demais, e hoje em dia me acho com condição de ter um olho perdido causante por meu marido, não tenho medo de dizer, porque ele fez, né!*³⁵

A Sra. Raimunda relata a experiência de uma vida difícil na sua adolescência, momento em que residira no município de Chapadinha e posteriormente em Presidente Vargas, após o segundo casamento ela se mudou para o município de Vargem Grande, na década de 1970, permanecendo numa localidade chamada Caetana, zona rural do município e desta para a cidade em fins da década de 1990, encontrando-se hoje no bairro Alagadiço, onde destaca “*e não deixa que aí nós vivemos uma vida de rosa (risos) uma vida maravilhosa, até o dia que meu véi faleceu, eu não gosto de me lembrar (choro). Pois é!*”³⁶

Diante desses relatos, nota-se as dificuldades encontradas por elas em seus locais de origem, e conseqüentemente suas investidas em novas oportunidades de moradia, a migração aqui, ainda que anterior ao período foco da pesquisa, já aponta para uma conseqüente labuta de sujeitos que passam a buscar o município como opção de residência. Muitos destes narram experiências vividas em outros povoados circunvizinhos, de onde migraram para a área rural do município de Vargem Grande e posteriormente para a sede, população que apresenta em sua memória lembranças de outros espaços, rememorando experiências diversas de fome, violência, doenças, trabalho, sexismo, lugares de lembranças que os fizeram, em muitos casos, buscarem ressignificar suas vidas.

Como assinala Dona Maria de Nazaré, residente atualmente no bairro de Fátima, oriunda de um povoado chamado Penteado, do qual ela veio para a cidade no início dos anos de 1980, “*E assim minha filha, minha vida foi assim muito sofrida, negócio de outro tempo só fazia de roça, não tinha saber pra se empregar pra nada, criei minhas filhas na roça*”³⁷. O destaque que dá à sua vida difícil é compartilhado por muitos dos sujeitos residentes nestes espaços.

O caso da Sra. Francisca Braz tem uma especificidade, pois a mesma residia em Vargem Grande e mudou para Teresina, mas na década de 1980 retorna para o município onde fixa moradia no bairro São Miguel que, posteriormente teve uma parte desmembrada, tornando-se bairro da Cerâmica, onde a mesma reside até hoje.

³⁵ Entrevista concedida por SILVA, Raimunda Viana Sousa. **Entrevista II** [24 set. 2020] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2020. Arquivo MPEG-4 (47min)

³⁶ *Idem*

³⁷ Entrevista concedida por ARAÚJO, Maria de Nazaré. **Entrevista IX** [8 fev. 2021] entrevistadora: Eva Rosa do Lago. 2021. Arquivo MPEG-4 (33min)